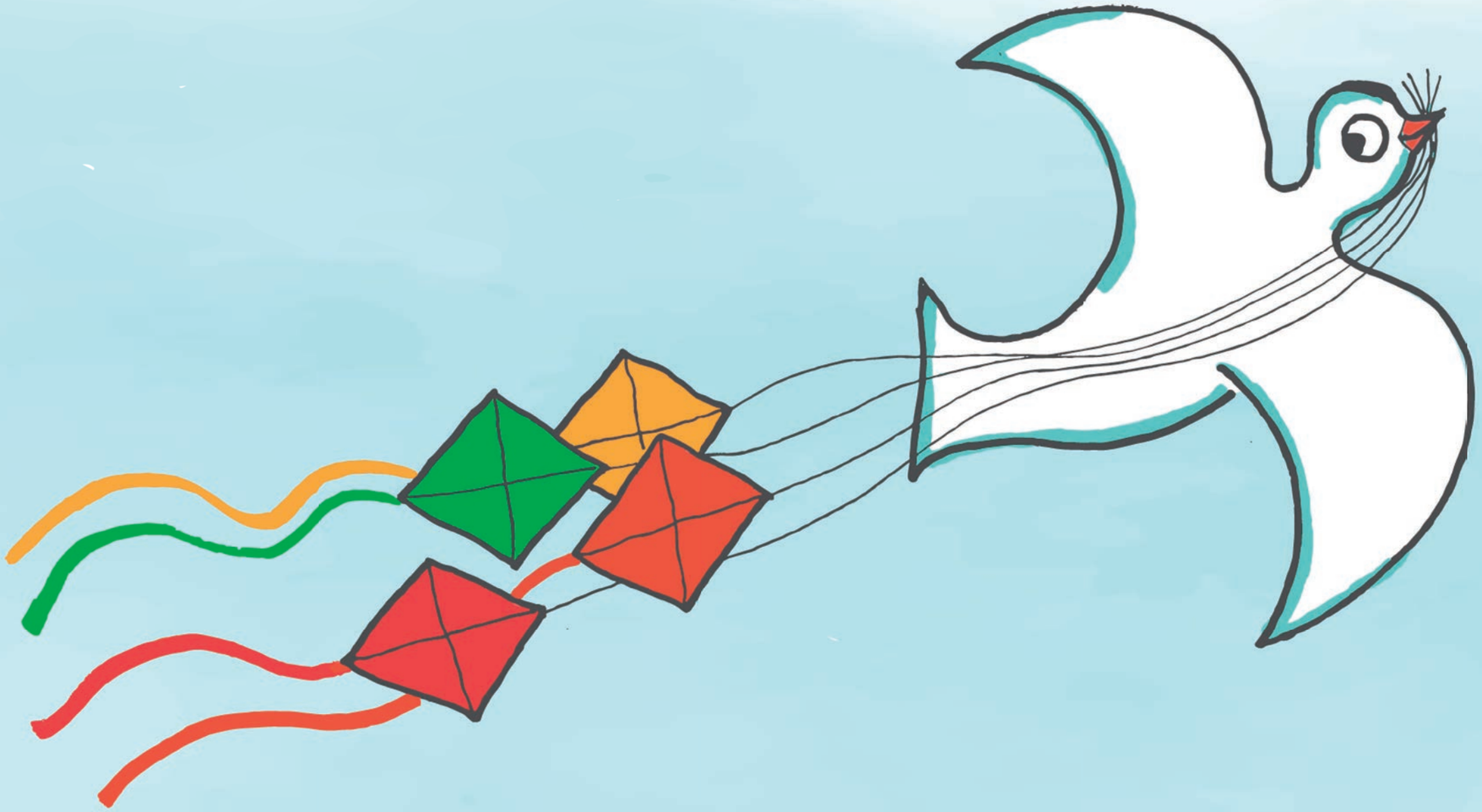


NARRATIVAS DE PAZ

Sistematização do projeto Narrativas de Paz realizado em 2019

CECIP

www.cecip.org.br

Narrativas de Paz, 2019

CECIP/Centro de Criação de Imagem Popular

Diretor Executivo Claudius Ceccon

Diretora Administrativa e Financeira Dinah Frotté

Coordenadora de Projetos Claudia Protasio Ceccon

Coordenador Financeiro Elcimar Oliveira

Apoio Administrativo Marcelo Avance, Néia Oliveira, Sirlene da Silva Alves

Comunicação Olivia Lopes

Equipe Narrativas de Paz

Coordenadora Maria Mostafa

Facilitadoras Elisa Brazil, Flavia Fassi Samel, Soraia Melo

Publicação

Elaboração do Texto Equipe Narrativas de Paz

Fotografias Equipe Narrativas de Paz, Hellen Barbosa, Eliane Heeren

Ilustrações Claudius Ceccon

Projeto Gráfico/Diagramação Olivia Lopes

Revisão Sonia Cardoso

Agradecimentos

Agradecemos aos funcionários, usuários e parceiros do Centro Municipal de Saúde Ernani Agrícola e à Cristina Gonçalves, pelo apoio e confiança no trabalho desenvolvido. Às creches e escolas de Santa Teresa, especialmente à Cantinho Feliz, ao Casarão dos Prazeres e ao EDI Heloísa Marinho, pelas oportunidades de parceria. À Maria Isabel Brazil Protasio, pela articulação com o CMS e a presença constante da primeira à última ação do projeto. À Heloísa Lessa, pela generosidade com o grupo Mães de Santa. Ao Claudius Ceccon e à Olivia Lopes, pelas artes e cores que deram vida ao projeto - da logomarca às paredes da pediatria. A todos os participantes do Narrativas de Paz, nosso muito obrigado!

Foto: Eliane Heeren

Sumário

1. Introdução 4

2. Mapeamento do território 7

3. Sensibilização e formação 9

Sensibilização 9

Formação 10

Formação com os profissionais 11

A Agentes Comunitários de Saúde / ACS 11
B Estudantes de medicina e enfermagem 14
C Profissionais das escolas e creches 16

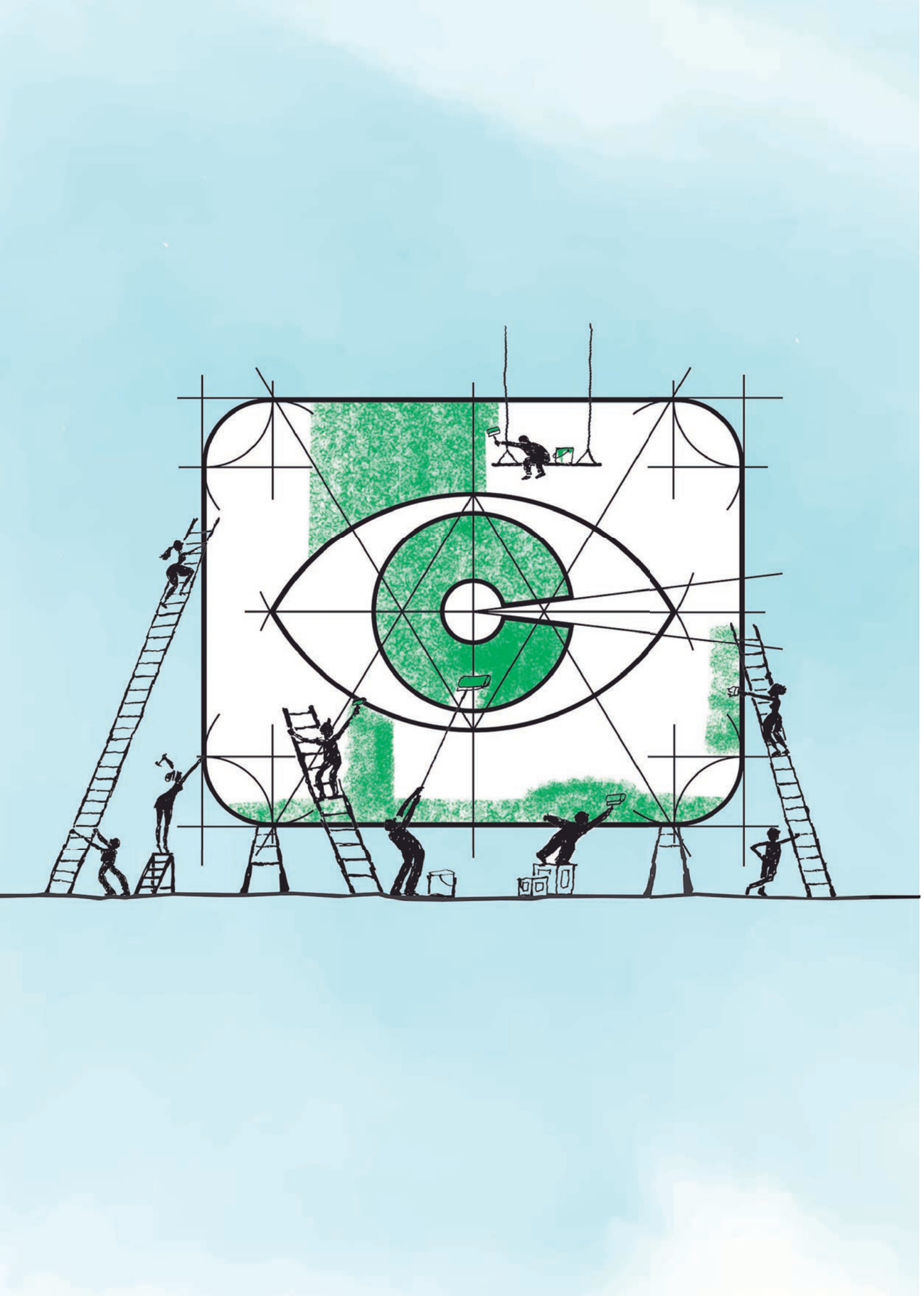
Formação com as famílias 19
D Gestantes e puérperas 19
E Idosos 22
F Famílias das escolas e do posto de saúde 26

4. Eventos de culminância 28

5. Monitoramento e avaliação 34

6. Depoimentos da equipe 37

7. Considerações finais 39



1. Introdução

Sobre o CECIP

O CECIP/Centro de Criação de Imagem Popular é uma organização da sociedade civil que, desde 1986, se dedica ao fortalecimento da cidadania, por meio de ações nas áreas de educação e comunicação, produzindo informações e metodologias que influenciem políticas públicas promotoras de direitos fundamentais.

Na área da infância, o CECIP vem desenvolvendo diversos projetos no campo da educação, da saúde e da participação infantil. A partir do reconhecimento dos trabalhos realizados na defesa dos direitos da criança e do adolescente recebeu, em 1999, o Prêmio Itaú Unicef de mobilização pela Educação.

Pela sua atuação, o CECIP foi eleito para exercer a Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância/RNPI, no triênio 2015/2017.

Em relação à Cultura de Paz, desde 2005 o CECIP vem contribuindo para a disseminação de um novo paradigma, restaurativo e não punitivo, de convivência e manejo de situações de violência. Após diversas iniciativas de sucesso no estado de São Paulo, de 2011 a 2015, o CECIP desenvolveu o projeto “Jovens e seu Potencial Criativo na Resolução de Conflitos” em escolas situadas em algumas das comunidades mais atingidas pela violência da cidade do Rio de Janeiro.

A metodologia de Cultura de Paz desenvolvida pela equipe do CECIP alia processos circulares de diálogo e facilitação de mudanças sociais.

Contexto

O projeto Narrativas de Paz foi proposto a partir da experiência do CECIP nas áreas da Cultura de Paz e da Primeira Infância, e da demanda identificada em articulação com o Centro Municipal de Saúde Ernani Agrícola e de um contexto de constante tensão no bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro. O estado do Rio de Janeiro como um todo vem sofrendo um aumento da violência urbana e as populações residentes das favelas são certamente as mais atingidas. De acordo com o Atlas da Violência de 2018, que analisou os dados do Fórum Nacional de Segurança Pública até 2016, a taxa de homicídios vinha caindo na cidade de 2003 até 2012:

> *"A partir de 2012, observou-se uma oscilação nos indicadores de letalidade violenta, sendo que em 2016 houve forte crescimento nos índices. Pode-se dizer que 2016 marcou o final de um período positivo para o estado e para a capital, com grandes eventos internacionais. O final das Olimpíadas demarcou essa transição, quando a falência econômica e a política deram a tônica ao novo cenário."*

No bairro de Santa Teresa encontram-se diversas favelas, sendo as maiores a dos Prazeres, da Coroa e do Fallet. Dados do Instituto de Segurança Pública revelam que o número de homicídios no bairro cresceu 160% de 2014 para 2016. Dos homicídios de 2016, mais de 60% são "decorrentes de oposição à intervenção policial". Isso quer dizer que as famílias residentes no bairro têm convivido com um cotidiano de violência intensa, tiroteios frequentes, resultado dos enfrentamentos entre os grupos do crime organizado e a polícia.

O cruzamento entre o aumento real da violência e o reforço diário das narrativas da grande mídia desenha um cenário de banalização da violência no Rio de Janeiro e em Santa Teresa. O impacto desse cenário nas crianças pequenas pode trazer graves consequências, e é por isso que a Cultura de Paz se faz urgente para a construção de outras narrativas para a população, a abertura de espaços para dialogar e construir soluções coletivas, permitir que as crianças não sejam socializadas num contexto de confronto, por um lado, e de descaso, por outro, reproduzindo o ciclo da violência numa espiral de exclusão social.

Em diálogo com o Centro Municipal de Saúde Ernani Agrícola, o projeto foi pensado como uma resposta à percepção de que há uma banalização da violência, tanto por parte dos usuários como da própria equipe de saúde, posto que lidam com uma realidade a cada dia mais desafiadora nas comunidades de Santa Teresa. De acordo com a ONU, o desenvolvimento pleno de uma Cultura de Paz está relacionado, entre outras coisas, "à possibilidade de que todas as pessoas, em todos os níveis, desenvolvam aptidões para o diálogo, negociação, formação de consenso e solução pacífica de controvérsias" e "ao respeito, promoção e proteção dos direitos da criança".

Foto: Hellen Barbosa

Evento promovido pelo Narrativas de Paz com gestantes e puérperas no Casarão dos Prazeres, em Santa Teresa.

Em 2015, a Rede Nacional Primeira Infância / RNPI publicou o relatório técnico do "Colóquio Violência e seus Impactos no Desenvolvimento Infantil". O evento contou com a presença de diversos especialistas e organizações dedicadas à prevenção da violência contra crianças. Estamos de acordo com a publicação quando ali se afirma que:

> *"A violência sempre produz danos. Estes podem ser momentâneos, perdurar por longo tempo ou por toda a vida. Não sendo um fenômeno natural e tampouco pessoal, e sim social e relacional, é possível prevenir todas as formas de violência. Ninguém nasce violento, as pessoas se tornam violentas a partir das relações (conflituosas e não solucionadas) que vivenciam."*

A violência atinge as crianças na primeira infância de forma devastadora, comprometendo o seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. São experiências que irão influenciar a criança por toda a vida. Romper com o ciclo da violência desde a primeira infância é urgente e responsabilidade de todos, e todos devem oferecer um ambiente saudável e seguro para que as crianças possam aprender a construir relações permeadas pela paz.

O projeto

Pensar uma Primeira Infância livre de violências na cidade do Rio de Janeiro, num momento de desesperança e fragilidade das políticas públicas de segurança foi a inspiração geral e um tanto utópica da qual o projeto partiu. O caminho escolhido para concretizar esse desejo foi sendo construído ao longo do projeto, a partir dos encontros e desencontros que as ações promoveram, sempre tendo o Centro Municipal de Saúde (CMS) Ernani Agrícola como ponto articulador central.

As ações tiveram como foco o exercício da Cultura de Paz junto às famílias e profissionais de saúde de Santa Teresa e visaram focar a importância da Primeira Infância para o desenvolvimento humano. A parceria com o CMS, por meio principalmente da sua diretora Cristina Gonçalves, foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

O projeto teve início no primeiro trimestre de 2019 com um mapeamento do território. A partir de abril, realizamos ações de sensibilização e divulgação, e em seguida as oficinas e formações com diferentes grupos – estas finalizadas em outubro de 2019. Na etapa de sensibilização e divulgação, alcançamos cerca de 300 pessoas e ao longo dos cinco meses de formação, em torno de 470 pessoas, entre usuários do CMS, profissionais de saúde, estudantes, famílias e profissionais de creches do entorno.

Grupos das oficinas de formação: sobrevoo

Agentes Comunitários de Saúde (três equipes)

Participantes: 12. Formação de todos os agentes atuantes no Posto de Santa Teresa. O que foi realizado: cinco oficinas, durante cinco meses, sobre Primeira Infância a partir das experiências pessoais e de trabalho dos ACS.

Estudantes de Medicina e Enfermagem

Participantes: 310. O que foi realizado: uma oficina com cada grupo de 15 pessoas, aproximadamente, num total de 20 oficinas, sobre estratégias de comunicação e a importância da Primeira Infância.

Profissionais das creches/escolas

Participantes: 30. O que foi realizado: duas oficinas com toda a equipe da Creche Cantinho Feliz, e uma oficina com os profissionais da Escola Municipal Julia Lopes de Almeida, sobre os desafios das rotinas de trabalho com as crianças e suas famílias, ao lidar com as diversas formas da violência cotidiana.

Gestantes e puérperas

Participantes: cerca de 20. O que foi realizado: colaboração com o grupo Mães de Santa sobre as temáticas do projeto, em dez reuniões semanais.

Idosos

Participantes: 44. O que foi realizado: três oficinas com o grupo Academia Carioca sobre memórias, infância e música.

Famílias das creches/escolas

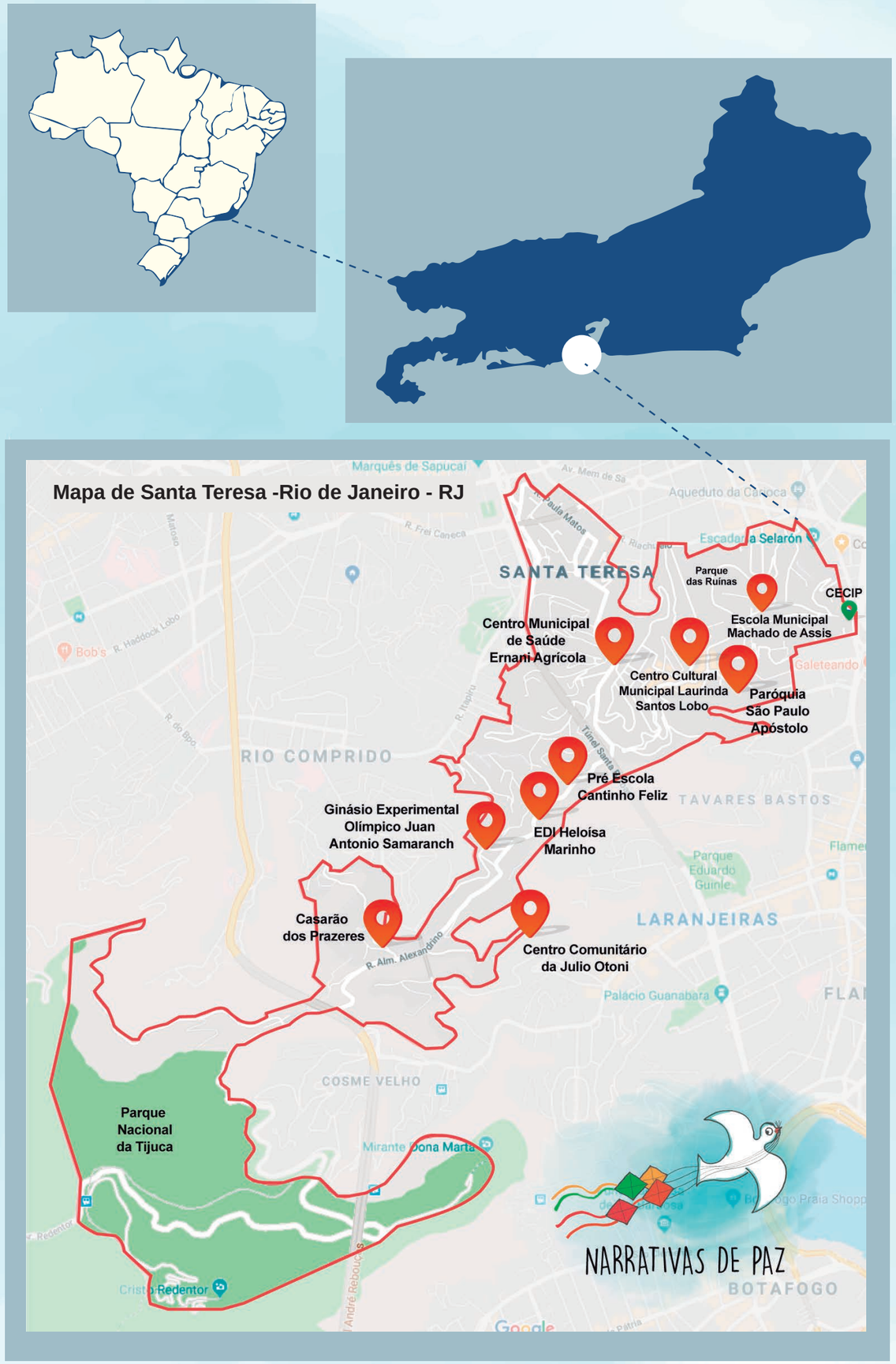
Participantes: 55. O que foi realizado: uma oficina na Cantinho Feliz, uma oficina no Espaço de Desenvolvimento Infantil Heloísa Marinho, sobre a importância da Primeira Infância.

Durante o segundo semestre de 2019, também fizemos uma ação de incidência política, com uma representação no Grupo de Trabalho de Implementação e Monitoramento do Plano Municipal da Primeira Infância/PMPI, do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente do Rio de Janeiro/CMDCA-Rio.

O CECIP integra o Grupo de Trabalho (GT PMPI) desde o começo, em 2013, e tem alternado sua representação, garantindo a articulação com o poder público na criação de iniciativas que assegurem os direitos da primeira infância, incluindo a participação das crianças nas tomadas de decisão. Ao longo deste período, foram realizadas iniciativas como a criação do PMPI, a formação de conselheiros de direitos do CMDCA, participação em Assembleias na Câmara Municipal para a votação e participação no orçamento para a criança e a organização de um Seminário para discutir os direitos da Primeira Infância no Rio de Janeiro.

A participação do Narrativas de Paz nas reuniões mensais e articulações virtuais no GT PMPI, em 2019, resultou na presença da Soraia Melo como palestrante no Seminário sobre Primeira Infância, do projeto Meninos de Rua, em 10 de outubro de 2019, e na construção de uma proposta de formação com os conselheiros tutelares do Rio de Janeiro, prevista para fevereiro de 2020.

Nesta publicação, você vai saber como foi essa Narrativa, começando pelo mapeamento, passando pelos grupos, pelos eventos de culminância, pelos esforços avaliativos e fechando com os relatos da equipe. Vamos juntos?



2. Mapeamento do território

A primeira ação do projeto no território foi o mapeamento. Durante o primeiro trimestre de 2019, a equipe frequentou diferentes espaços de Santa Teresa para compreender como o território está organizado e visualizar as oportunidades para potencializar a atuação do projeto e os principais desafios a serem trabalhados. A metodologia utilizada nesse primeiro momento foi a “bola de neve”, uma técnica de amostragem em que um entrevistado indica outras pessoas a serem entrevistadas, de forma que se possa identificar as pessoas a serem ouvidas por meio dos próprios participantes da pesquisa (que no nosso caso chamamos de mapeamento). Assim a pesquisa consegue acessar redes já formadas no espaço, mesmo sendo um território desconhecido para quem está desenvolvendo a pesquisa. Com base nessa metodologia, foram entrevistados diversos atores com representatividade no bairro, como lideranças comunitárias e diretoras de escolas. A equipe também frequentou reuniões estratégicas para o projeto, como assembleias da Associação de Moradores (AMAST), reuniões do Programa Saúde na Escola (PSE) no território, entre outros.

A articulação com o Centro Municipal de Saúde Ernani Agrícola foi essencial para que o projeto tivesse uma inserção mais abrangente.

Ainda em dezembro de 2018, foi feita uma primeira reunião com a diretora do CMS, para apresentar o projeto. Já como ação conjunta, a equipe do CECIP foi convidada a participar da última reunião anual de 2018 do Programa de Saúde na Escola, cuja pauta previa avaliação e planejamento das ações para 2019. Essa foi nossa porta de entrada. A equipe teve a oportunidade de apresentar para um público de lideranças os objetivos do Narrativas de Paz e demonstrar com algumas dinâmicas nossa metodologia de trabalho. A partir daí, os contatos foram se sucedendo.

Foram realizados durante o mapeamento:

- dez entrevistas com lideranças comunitárias;
- quatro entrevistas com gestores de escolas;
- sete reuniões no território e
- um evento de grande porte, envolvendo cerca de 200 pessoas, articulado junto com o CMS Ernani Agrícola.

As ações do mapeamento tiveram dois resultados de muita importância: por um lado, evidenciaram as características de “funcionamento” do bairro de Santa Teresa, suas pessoas e instituições; e, por outro, consolidaram a entrada do projeto no território. A equipe conheceu e compreendeu as relações que permeiam as políticas públicas, principalmente de saúde e educação no contexto do bairro.

Comentamos a seguir alguns aprendizados que ficaram bastante claros durante esse período.

- Asfalto versus favelas: como em muitos outros bairros cariocas, Santa Teresa, apesar de estar geograficamente num morro, apresenta uma divisão entre as favelas e o resto do bairro. De acordo com o antropólogo Luís Eduardo Soares:

> *"As relações entre 'asfalto' e 'favelas' no Rio de Janeiro sempre foram ambíguas e contraditórias. Trata-se de uma longa e penosa história de amor e ódio, admiração e discriminação, idealização e rejeição. Desde a reforma urbana de Pereira Passos, no começo do século passado, na qual modernização rimava com remoção de cortiços e segregação higienista dos pobres, até as remoções promovidas pelo governo Lacerda, no início dos anos 1960, passando por momentos de assistencialismo autoritário e integração ambivalente do clientelismo, as favelas foram definidas como problema social, fonte de ameaça e risco, violência e contágio, desordem e caos."* [1]

Essa oposição entre moradores e não moradores das favelas se reflete nos diferentes usos do bairro e dos serviços públicos. A Associação dos Moradores e Amigos de Santa Teresa/AMAST, por exemplo, é uma associação majoritariamente formada por moradores do "asfalto" e, apesar de muito atuante, não representa a maior parte dos que moram nas favelas, as quais, muitas vezes, têm suas próprias associações.

As favelas acabam constituindo outros bairros dentro do bairro. Os usuários do CMS Ernani Agrícola, em grande parte, são moradores de favelas do entorno. Há uma queixa entre os funcionários do CMS de que o transporte no bairro é pouco funcional para esses usuários – pois, muitas vezes eles precisam pegar dois ônibus para chegar até o CMS, ou caminhar por um longo trecho. Isso dificulta o acesso aos serviços de saúde ali localizados.

- Credibilidade do CMS: em todas as entrevistas e reuniões pudemos perceber como o CMS Ernani Agrícola é querido pela população. São muitas as memórias afetivas relatadas pelos moradores, e sempre muito elogiosos aos profissionais, principalmente à Cristina Gonçalves, assistente social, atual diretora do posto. Os moradores se articulam na defesa do CMS, e fazem exigências à prefeitura. Santa Teresa apresenta um grau de mobilização de seus habitantes que não é percebido em outras regiões da cidade.

- Violência cíclica: os moradores mais antigos do bairro têm relatos sobre aumento da violência no bairro em momentos diferentes de suas vidas. A violência tem aumentado consideravelmente, sobretudo nas comunidades. O reflexo é sentido no CMS, mais ainda no atendimento oferecido por profissionais da saúde mental.

[1] Entrevista concedida por Luís Eduardo Soares à revista Trip, em 06/02/2013. Disponível em: https://revistatrip.uol.com.br/trip/conexao-morro-asfalto

Mapa aéreo de Santa Teresa - Rio de Janeiro - RJ. Fonte: Google Earth

- Impacto nas crianças: as gestoras de escolas entrevistadas compartilharam que percebem um grande impacto da violência nas crianças. No dia a dia escolar, notam as crianças agitadas, com dificuldades de aprendizagem, além dos casos mais particulares de violência intrafamiliar, que são encaminhados para o CMS ou para outras instâncias responsáveis.

- Casarão dos Prazeres e Centro Comunitário da Júlio Otoni: muitas pessoas reconhecem que esses dois locais oferecem oportunidades para a comunidade, num momento em que o bairro não apresenta muitas opções de espaços e atividades, em especial para crianças.

- Agentes Comunitários de Saúde: nas entrevistas com o Núcleo de Apoio à Saúde da Família/NASF, os profissionais recomendaram fortemente que a formação em Cultura de Paz se destinasse também aos Agentes de Saúde, visto que são eles que estão no território, visitando a casa das famílias e lidando com as situações decorrentes da violência.

As ações do mapeamento prepararam o campo para o desenvolvimento das atividades seguintes do projeto, de oficinas e formação em Cultura de Paz e Primeira Infância. A equipe passou a ter um conhecimento mais aprofundado sobre as dinâmicas do território, e a se articular com facilidade com as lideranças e gestores do bairro.

3. Sensibilização e formação

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Ação de sensibilização realizada na Escola Municipal Julia Lopes de Almeida.

Sensibilização

As oficinas de sensibilização foram planejadas para assinalar a importância da Primeira Infância e para apresentar o Narrativas de Paz aos profissionais da saúde, da educação, e às famílias com crianças pequenas. As oficinas também seriam um convite para a próxima etapa do projeto: os encontros de formação no CMS Ernani Agrícola.

Foram realizadas **oficinas de sensibilização** com o tema da Primeira Infância em escolas de Santa Teresa, no posto de saúde e em alguns espaços comunitários.

No decorrer da ação percebemos a necessidade de diversificar os formatos de oficina para nos adequarmos a algumas oportunidades, como a redução do tempo de duração para participarmos de reuniões que já estavam marcadas no CMS, e ações de comunicação como no acompanhamento do “Dia D” da campanha de vacinação nos pontos de vacinação da favela dos Prazeres e da Júlio Otoni. Nas escolas, percebemos uma grande demanda por formação em Cultura de Paz e Primeira Infância.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Oficina de sensibilização realizada no EDI Heloísa Marinho.

Resumo das ações

Oficinas de sensibilização: foram realizadas duas oficinas com as famílias do Espaço de Desenvolvimento Infantil / EDI Heloísa Marinho; uma oficina com as famílias da Escola Municipal / EM Júlia Lopes de Almeida; outra com as famílias no Casarão dos Prazeres; e ainda outra com os internos de Saúde da Família na pediatria do CMS. Nas oficinas, além da apresentação do projeto, realizaram-se atividades com brincadeiras, para facilitar a conversa sobre a primeira infância e os elementos fundamentais do desenvolvimento infantil, como o vínculo, os estímulos e o brincar.

Ações de divulgação do projeto: por meio da entrega de panfleto e em abordagens individuais e coletivas, a equipe do projeto acompanhou as reuniões das condicionalidades do Bolsa Família no CMS e os encontros de acolhimento da odontologia no CMS. Também esteve presente nas ações de vacinação no Casarão dos Prazeres e no Centro Comunitário da Júlio Otoni.

Total de pessoas envolvidas: cerca de 300

Foto: Hellen Barbosa

Oficina de formação com a equipe da creche Cantinho Feliz.

Formação

A etapa seguinte às oficinas de sensibilização e à divulgação foi a formação para aprofundamento das questões com diferentes grupos identificados como prioritários. Trabalhamos com seis grupos, entre profissionais e famílias, cujas atividades relatamos a seguir.

A formação com os profissionais envolveu:

- agentes Comunitários de Saúde / ACS;
- estudantes de medicina e enfermagem;
- profissionais das escolas e creches.

A formação com as famílias abrangeu:

- gestantes e puérperas;
- idosos;
- famílias das escolas e do posto de saúde.

Formação com profissionais

A. **Agentes Comunitários de Saúde/ACS**

No CMS Ernani Agrícola estão alocadas três equipes da Estratégia Saúde da Família: Alto Santa, Fallet e Prazeres. Essas equipes reúnem 12 ACS e atendem em média 20 famílias por semana (variações por conta da frequente ocorrência de tiroteios nos territórios). Eles visitam as famílias cadastradas, identificam as necessidades e encaminham para os serviços oferecidos tanto no posto de saúde, como em outros equipamentos da rede pública que atendam as demandas dos usuários. Quando o médico está presente na visita dos ACS, ele dá apoio ao trabalho desses profissionais. Acompanham as gestantes, puérperas, o calendário de consultas e vacinação das famílias, assim como o grupo de idosas e idosos atendidos pela Academia da Saúde, de forma conjunta com o NASF, como parte da estratégia da Atenção Básica em Saúde.

O Agente Comunitário de Saúde tem um papel muito importante, pois é membro da equipe e faz parte da comunidade em que atua, o que facilita a criação de vínculos, propiciando o contato direto com a equipe do “postinho”, como é conhecido o CMS Ernani Agrícola. Por transitarem tanto na comunidade quanto no espaço institucional público, os ACS têm a tarefa fundamental e desafiadora de favorecer essa interlocução entre a população e o estado.

Cerca de metade das famílias atendidas pelos agentes (aproximadamente 480 famílias) tem crianças na Primeira Infância (dados fornecidos por eles). A formação dos ACS foi dividida em cinco módulos, englobando os temas da importância da Primeira Infância, como o brincar, o desenvolvimento cerebral, entre outros. O conteúdo teve como foco a rotina de trabalho, identificando as situações em que mais precisavam de apoio, como por exemplo: quando chegam numa casa e percebem uma situação de violência; ou quando são recebidos por crianças; ou não conseguem fazer o trabalho por conta dos cortes de verbas na saúde ou por conta da violência no entorno.

As oficinas de sensibilização e formação dos ACS foram planejadas a partir da escuta desses profissionais por nossa equipe para entender suas demandas, buscando, para além de apresentar conteúdos, provocar trocas e reflexões sobre o fazer do profissional que está diretamente conectado com as experiências de vida de cada sujeito constituído de sua história.

Foto: Hellen Barbosa

Foto: Hellen Barbosa

Em oficina de formação, trabalhando a identidade dos ACS por meio da construção de dedoches, foi possível refletir sobre como cada um se vê no trabalho e como são vistos pelas comunidades que atendem.

O que foi feito?

Para além dos encontros/módulos planejados, devido à dificuldade de reunir todos os ACS num mesmo momento, foi necessário realizarmos um “Módulo de Alinhamento” para que todos pudessem chegar ao término da formação com os mesmos conhecimentos. Além disso, a redução do número de ACS por cortes de pessoal – e o consequente aumento das demandas para os profissionais que ficaram – também foi um fator desafiador, assim como a violência que influencia diretamente e altera os planejamentos das rotinas de trabalho.

Foto: Hellen Barbosa

Breve resumo das oficinas e depoimentos dos ACS

Nas oficinas, os relatos dos ACS apontaram muitos desafios presentes nas interações do fazer profissional, como estar atento e encontrar estratégias para se manter centrado... *Motivação, paciência, superação, autocuidado.* Sobre a conjuntura, de diversas formas aparecem falas que marcam desafios muito duros e violentos... *Dependendo de com quem vai debater não vale a pena, no contexto atual. As pessoas estão muito duras, violentas,* ao mesmo tempo que aparecem reflexões a partir dessas mesmas falas... *Como eu posso julgar a realidade do outro, se a minha realidade é outra?.*

Em contraponto ao contexto de violência, buscamos, junto aos ACS, refletir sobre momentos de valorização da capacidade deles no trabalho de impactar a vida dos usuários e influenciar na melhoria da saúde das famílias dos territórios em que atuam e vivem: *O que eu mais gosto de fazer no meu trabalho? Poder ajudar pessoas que conheço desde pequeno; conhecer melhor a vida delas; promover saúde na comunidade em que sou nascido e criado.*

Relataram a importância de poder entrar nas casas de pessoas impossibilitadas de ir até o posto de saúde, reconhecendo a diferença que fazem na vida dessas pessoas... *Gosto quando, mesmo em meio às dificuldades, consigo ajudar a resolver o que me é pedido!*

Quando exploramos junto com eles como as crianças brincam hoje em dia, os agentes trouxeram o desafio das famílias diante da falta de tempo, do isolamento das pessoas que não mais frequentam o espaço público em função da violência, da falta de condições financeiras para locomoção e alimentação. Trazendo a reflexão para o fazer profissional, uma ACS disse: *Entendi como é importante conversar com as mães sobre a importância do brincar, incentivar mais a brincadeira. Os pais ficam com medo e evitam deixar brincar na rua... aí ficam no computador, dentro de casa.*

Chamou a atenção o relato apontando a diferença de experiências do brincar em territórios bem próximos: *No Fogueteiro* [favela próxima] *parece roça; as crianças brincam na rua. E mais acima, as crianças ficam mais no tablet.* Como também fizeram uma diferenciação de equipamentos entre o Alto Santa (praça, centro cultural, creches) e Prazeres... *sempre tem projeto, quadra de esportes, Casarão dos Prazeres, os becos e vielas têm jogos como queimado*.

Temas abordados nas oficinas de formação

Módulo 1 – Cultura de Paz. Objetivos do encontro: conhecer os ACS (interagir); apresentar o conceito de Cultura de Paz e Primeira Infância; refletir sobre Cultura de Paz, Primeira Infância e possibilidades nas práticas profissionais.

Módulo 2 – Primeira Infância. Objetivos do encontro: apresentar o conceito de Primeira Infância; sensibilizar sobre a importância da Primeira Infância; articular ações conjuntas no território.

Módulo 3 – Importância do Brincar. Objetivos do encontro: apresentar o conceito da importância do Brincar; sensibilizar sobre a importância do Brincar e refletir sobre como criar estratégias com as famílias que fortaleçam este conteúdo.

Módulo 4 – Meu trabalho. Objetivos do encontro: compreender com mais detalhes o trabalho dos ACS, e como se relacionam com as famílias, e identificar demandas em relação às crianças, para pensarmos como o projeto pode apoiá-los.

Módulo 5 – Por onde andamos. Objetivos do encontro: realizar um percurso mental do processo de formação; refletir sobre os processos de formação e atuação; avaliar o projeto.

Reflexão

O processo de formação com os ACS foi realizado dentro de um contexto amplo e desafiador, devido ao sucateamento do Sistema Único de Saúde/SUS. Esses profissionais vivem em um regime de trabalho terceirizado que estabelece relações muito frágeis e de insegurança em diversas dimensões: financeira, operacional (formação e ferramentas) e pessoal. Durante todo o período do projeto, vivenciaram por meses a situação de atraso de salários, vale-alimentação e transporte, além de terem a equipe reduzida, o que fez, automaticamente, aumentar as demandas para cada profissional que restou – sem aumento de salário, apenas de trabalho.

Mesmo diante desse quadro de injustiças e insegurança, os ACS se colocam de forma confiante e muitas vezes apaixonada, afirmando que o SUS deve resistir e seguem oferecendo o melhor possível para os usuários do serviço, sendo eles próprios seus usuários e moradores dos territórios em que atuam.

Todos se comprometem com suas comunidades, com as pessoas, e se colocam dispostos e abertos a refletir sobre a importância da Primeira Infância e de buscar outras narrativas, diferentes das narrativas de violência que permeiam as vidas de quem está dia a dia no território.

A formação com os ACS foi um processo de identificação, conexão e reflexão sobre como a Primeira Infância é um momento fundamental na vida. A partir dessa consciência, a formação possibilitou ampliar e ressignificar o olhar para o atendimento às famílias com crianças pequenas. É fundamental e urgente que haja maior valorização e reconhecimento do trabalho desses profissionais.

Foto: Hellen Barbosa

Foto: Hellen Barbosa

Dois momentos das oficinas de formação com os ACS: na foto de cima, recuperando a infância por meio de um jogo da memória feito com as brincadeiras preferidas do grupo, e na foto de baixo, realizando a avaliação do encontro.

B. Estudantes de medicina e enfermagem

Por meio de um convênio entre a prefeitura e a Universidade Estácio de Sá, o CMS recebe todo semestre estudantes de medicina e enfermagem para cursarem uma disciplina de sua grade curricular. A direção do CMS convidou o projeto para fazer uma oficina de sensibilização com os estudantes. Identificando a excelente oportunidade de poder atuar junto a um público não previsto inicialmente, aceitamos o convite a fim de apresentar a metodologia que utilizamos em Cultura de Paz e a Primeira Infância para esses profissionais de saúde ainda em formação.

Foram cerca de 132 estudantes de medicina e 20 de enfermagem no primeiro semestre de 2019, e 143 estudantes de medicina e 15 de enfermagem no segundo. No total, 310 estudantes participaram da oficina de sensibilização do Narrativas de Paz. Eles experimentaram junto à equipe do projeto as Práticas de Colaboração, se reconectaram com as memórias da infância e puderam refletir sobre a forma como acolhem e escutam outras pessoas no desafio de atuar no campo da saúde, contemplando a prevenção e o conceito de saúde integral.

Com os estudantes optamos por oferecer uma oficina sobre Cultura de Paz, tendo como objetivo refletir sobre Cultura de Paz, Primeira Infância e possibilidades nas práticas profissionais.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Momento de leitura das Sete Práticas de Colaboração com estudantes de medicina que participaram do projeto.

Cardápio do dia
Atividades desenvolvidas nas oficinas com estudantes universitários

Apresentação do projeto
Breve histórico do projeto Narrativas de Paz e uma apresentação das facilitadoras que iriam mediar o encontro.

Dinâmica: Bingo
Jogo com uma cartela e cinco perguntas relacionadas às memórias de infância, brincadeiras, personagens, local de nascimento, cenas curiosas, entre outras questões que ajudam a integrar o grupo e aquecer para o tema da Cultura de Paz e Primeira Infância.

Conteúdo Cultura de Paz
Apresentação dos conceitos da Cultura de Paz, a partir do referencial do projeto com exemplos das Sete Práticas de Colaboração.

Dinâmica: Pétalas
Uma flor de papel com seis pétalas no chão com a parte escrita virada para baixo. Cada dupla pega uma pétala e responde às perguntas sobre sua infância como: “que sabor lembra a sua infância?” ou “conte uma situação em que você se sentiu apoiado quando era criança”.

Avaliação e fechamento
Dinâmicas de fechamento e convite para responder, pelos celulares individuais, ao questionário de avaliação nos minutos finais da oficina. Um exemplo da dinâmica de fechamento é: se o dia de hoje fosse uma brincadeira, qual seria e por quê?

O que foi feito?

Foram 20 encontros com o mesmo conteúdo dividido em oficinas de uma hora e 15 minutos a duas horas e 30 minutos, dependendo da disponibilidade e tamanho do grupo que variaram de 11 a 30 pessoas, incluindo as professoras que, em alguns casos, participaram das dinâmicas mais de uma vez.

O perfil do grupo, ora mais tímido, ora mais disposto e animado, dava o tom do encontro e a experiência permitiu que as memórias trazidas fossem acolhidas com emoção e com a possibilidade de relacioná-las às questões da vida profissional e pessoal.

Durante as oficinas surgiram situações relacionais que ocorrem nos trabalhos de grupo da faculdade, desafios que encontram ao pensar e propor ações no Posto de Saúde, como lidar com as próprias frustrações e sentimentos no trabalho de cuidado com o outro. Como escutar o que o paciente não está conseguindo comunicar com palavras?

Trouxeram histórias dos familiares que influenciaram na escolha da carreira de médicos e enfermeiros; falaram das dificuldades de quem não é da cidade; dos momentos em que se sentiram seguros; de como os alimentos marcaram a relação com os familiares; e quais os impactos de situações de *bullying* e violências vividas na infância.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Durante a dinâmica "Bingo" os estudantes puderam conhecer mais sobre as histórias de vida dos seus colegas de turma, despertando a empatia e fortalecendo os vínculos entre eles.

Reflexão

A metodologia do projeto Narrativas de Paz tem como referência o processo circular e a escuta como apoio para a construção de outra narrativa que não mais a da violência instituída e naturalizada socialmente. Propomos encontros em que professores, estudantes, facilitadores da dinâmica e os próprios profissionais que já atuam no posto de saúde compartilhem experiências de forma lúdica, um ao lado do outro, buscando uma horizontalidade na troca.

Percebemos que há dores e silêncios profundos que mesmo pessoas que convivem diariamente há quatro anos desconhecem. Constatamos que a formação acadêmica, mesmo na área da saúde, tem poucos espaços de acolhida e escuta para cuidar do profissional em formação e que as marcas que trazem das suas infâncias seguem vivas nas escolhas e desafios profissionais do futuro como médicos e enfermeiros.

Práticas de Colaboração

Um dos conteúdos que mais fez sucesso nas oficinas com os estudantes foram as Sete Práticas de Colaboração, que são ferramentas para uma comunicação eficaz entre os membros de um grupo.

São elas:

1. Fazer pausas
2. Parafrasear
3. Checar a especificidade
4. Pôr e retirar as ideias da mesa
5. Prestar atenção a si mesmo e aos outros
6. Presumir intenções positivas
7. Defender sua causa e fazer perguntas sobre a causa do outro

Essa é uma metodologia adaptada pelo CECIP a partir de: GARMSTON, R., and WELLMAN, B. (2009). *The Adaptive School:* A Sourcebook for Developing Collaborative Groups, 2nd edition. Norwood, MA: Christopher Gordon.

Disponível em: http://www.thinkingcollaborative.-com/norms-collaboration-toolkit/

C. **Profissionais das escolas e creches**

As creches e pré-escolas são espaços de educação, cuidado e convivência entre as crianças, profissionais e famílias. São equipamentos fundamentais, em que o diálogo respeitoso entre todas as partes é condição para que as crianças sejam atendidas em suas necessidades. Essa relação instituição/famílias, historicamente, é conflituosa e muitas vezes desafiadora. Pensando na necessidade de formação e na importância do fortalecimento de vínculos já existentes entre instituição / família – e na criança como um sujeito de direitos que deve ser atendido de forma integral –, realizamos duas oficinas com as equipes da creche e pré-escola Cantinho Feliz, e uma oficina com a equipe da EM Júlia Lopes de Almeida.

O primeiro contato do projeto com a gestão das instituições se deu nas reuniões do Programa Saúde na Escola/PSE, um programa de articulação entre a saúde e a educação, e de acordo com o Ministério da Educação.

O PSE tem como objetivo *contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino.*[2] Após apresentarmos a proposta do projeto, as gestoras demonstraram interesse por uma aproximação com o Narrativas de Paz e, por meio da parceria/rede entre a saúde e a educação, agendamos a realização dos encontros. Com a compreensão de que o foco do projeto eram ações mais diretamente vinculadas ao CMS, as gestoras experimentam realizar oficinas nas creches visando estreitar laços e compreender como essa parceria poderia se desenvolver em outra etapa do projeto.

[2] A descrição do programa encontra-se no site do Ministério da Educação: http://portal.mec.gov.br

Foto: Hellen Barbosa

Foto: Hellen Barbosa

Oficina de formação com a equipe da creche Cantinho Feliz. As oficinas com os profissionais das escolas foram oportunidades de oferecer um espaço de escuta, troca e cuidado para quem cuida.

O que foi feito?

Foram realizadas duas oficinas, dentro do planejamento da Jornada Pedagógica, na creche Cantinho Feliz: uma em março (19 pessoas) e outra em setembro (20 pessoas). Já na EM Julia Lopes de Almeida realizou-se uma oficina em maio (10 pessoas).

Os temas abordados nas oficinas de formação foram: a importância da Primeira Infância, a importância do brincar e a Cultura de Paz nos desafios da rotina da educação infantil.

As oficinas, de duas horas de duração cada, pretenderam sensibilizar as equipes para os temas abordados pelo projeto, exercitar a escuta e ampliar repertório, provocando reflexões a partir das experiências e referências pessoais que influenciam o fazer profissional de cada equipe.

Uma das atividades realizadas na Cantinho Feliz foi uma dinâmica estilo World Café, em que os participantes se dividem em grupos e passam por mesas com um relator fixo, ou seja, um participante ficava na mesma mesa em todas as etapas da atividade, registrando as falas e observações de cada rodada.

Em cada mesa havia uma pergunta diferente, e cada grupo foi desenvolvendo a reflexão e agregando ao debate iniciado pelo grupo anterior. Nessa atividade foram três mesas, com as seguintes perguntas:

- Fora da creche, no seu convívio pessoal, lembre de uma situação desafiadora com crianças... como você lida com isso?

- Identifique quais são as situações desafiadoras no dia a dia do trabalho com as crianças. Como você acolhe o seu limite?

- Identifique quais são as situações desafiadoras no dia a dia do trabalho com os pais / responsáveis. Como você acolhe o seu limite?

Outra atividade na Cantinho Feliz foi um exercício com a metodologia dos círculos de construção de paz, um círculo apreciativo: com um objeto da fala, cada membro da equipe se dirigiu ao colega ao lado e apontou uma qualidade da pessoa que apreciava. Foi uma atividade que suscitou muitas emoções e declarações afetivas entre as educadoras.

Na Cantinho Feliz, onde desenvolvemos as citadas oficinas, foi possível aprofundar as questões mais desafiadoras para as equipes no trabalho diário com as crianças. Os encontros trataram das emoções que perpassam as professoras, merendeiras e diretoras, e como dão apoio umas às outras no dia a dia.

Na EM Júlia Lopes de Almeida, o encontro foi mais rápido, e dentre as atividades sobre o brincar e a Primeira Infância, fizemos um círculo de homenagem: cada um homenageou uma pessoa de sua família e contou o motivo do ato ao grupo. Muitos pais foram homenageados.

Nas duas instituições as oficinas foram carregadas de emoção, lágrimas e reflexões importantes. Um espaço seguro em que essas profissionais puderam falar de si, de suas angústias e desafios – um breve intervalo para cuidar de quem cuida.

Reflexão

Nesse primeiro ano de projeto nosso foco de trabalho esteve bastante centralizado no CMS Ernani Agrícola. Acordamos que faríamos outras ações no território, desde que relacionadas ao ponto do qual estávamos partindo, o posto de saúde. Com esse pano de fundo, chegamos nas escolas e creches parceiras do CMS, por meio do Programa Saúde na Escola, mas, por uma limitação de recursos, optamos em desenvolver na educação ações mais pontuais. Assim, fizemos oficinas com as equipes de algumas escolas e com as famílias (relatadas a seguir). Nessas poucas oficinas, no entanto, percebemos uma grande demanda pelo trabalho com a Cultura de Paz entre os educadores. As rotinas são intensas, assim como os desafios. Trabalhar a Cultura de Paz nos espaços educativos é uma oportunidade para exercitar uma ferramenta transformadora das relações e das pessoas, articulando a potência do coletivo para a melhoria da ambiência escolar.

Foto: Hellen Barbosa

Foto: Hellen Barbosa

As dinâmicas das oficinas com os profissionais das escolas tiveram como objetivo trabalhar os desafios nas relações que envolvem a prática desses educadores, seja dentro da própria equipe, com as crianças ou com as famílias.

Formação com as famílias

D. **Gestantes e puérperas**

O grupo chamado Mães de Santa, que se reúne todas as segundas-feiras às 14h40 no Casarão do Prazeres, consiste no acompanhamento de mulheres grávidas e puérperas – moradoras das regiões do Morro dos Prazeres e do Fallet – pela equipe do posto de saúde Ernani Agrícola e voluntários. Os encontros semanais envolvem a participação de médico, enfermeiro, agentes de saúde da CMS Ernani Agrícola, os quais acompanham as respectivas famílias, e a equipe de voluntários do Instituto Michel Odent/IMO. Os objetivos do Mães de Santa são: ampliar o acesso à informação de qualidade sobre os cuidados com gestantes; fortalecer a rede de apoio entre as mulheres e dar assistência ao processo de parto humanizado e amamentação.

Iniciamos as atividades acompanhando o grupo em julho, com foco em nos aproximarmos das mães e famílias, e desenvolver junto com este grupo alguma ação que complementasse o trabalho já desenvolvido. A pauta das reuniões foi aberta com as participantes trazendo suas questões e estas foram debatidas com o auxílio das profissionais presentes no dia.

Além de dúvidas trazidas pelas mulheres, o grupo promove apoio emocional entre elas, uma vez que atestam que não se sentem mais sozinhas e podem agora contar umas com as outras, tornando o encontro um momento de descontração, desabafos e troca de experiências entre as mães.

Atualmente, a enfermeira do posto, Silvana de Souza Gabriel, com a ajuda das agentes de saúde Caroline Rosa de Oliveira Costa e Maria Rosa C. Rodriguez, acompanham as famílias, atuam junto com a enfermeira obstetra Heloisa Lessa na identificação das necessidades apontadas no grupo e assim contribuem com informações sobre os períodos da gravidez, parto e pós-parto. Este espaço de encontro entre profissionais da saúde e as famílias permite enxergar muito além do que se apresenta dentro de um consultório, ampliando de maneira mais efetiva a promoção de saúde das mulheres gestantes e puérperas e seus filhos.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Foto: Hellen Barbosa

A formação com as gestantes e puérperas foi realizada no âmbito do grupo Mães de Santa, que é acompanhado pela equipe do CMS Ernani Agrícola e por voluntários do Instituto Michel Odent.

O que foi feito?

Considerando que já existiam profissionais assistindo este grupo, a entrada do Narrativas de Paz foi, num primeiro momento, acompanhar as reuniões para poder entender os temas que poderiam ser desenvolvidos pelo projeto. Paralelamente ao acompanhamento, buscamos abrir espaços de integração e valorização da mulher com a realização de dois eventos: a Festa Julina, que aconteceu em agosto, e o Evento de Autocuidado, em setembro.

Nas reuniões, além das dúvidas técnicas sobre questões da maternidade, como o desmame, bico endurecido, prisão de ventre, desfralde, entre outros, o grupo de mães trouxe questões relacionais que apresentam sinergia com o projeto Narrativas de Paz. Alguns exemplos de temas levantados: falta de apoio dos homens (pais), menores de idade se tornando mães, reflexão sobre mudança de comportamento, em especial sobre a consciência de bater menos nos filhos, o desafio dos filhos mais velhos lidarem com a chegada do recém-nascido e a falta de tempo de cuidarem de si.

Em conversas durante os encontros, as mães compartilharam sua motivação e agradecimento pela existência do grupo. Em seus depoimentos, fica evidenciado como a troca de experiências entre elas propiciou aprendizado e apoio que foram fundamentais para lidarem com os desafios da gravidez e do parto: *Saber que minha experiência vai ajudar alguém e ouvir outras experiências de outras mães veio me ajudar de alguma forma*; *A preparação que o grupo me proporcionou me fez ficar mais calma na hora do parto e consegui ter um parto humanizado e tranquilo como sempre quis*. Poder contar regularmente com um grupo que escuta e compartilha suas preocupações e dúvidas, também mexeu com a autoestima das mulheres. A vulnerabilidade expressa em diversos momentos e acolhida com atenção e cuidado pelo grupo serviu como um caminho de autoconhecimento e crescimento, e isso tudo regado com muito bom humor. Como disse uma das mães: *...um grupo que faz nos autoconhecer de verdade, como somos fortes e ainda faz a gente se distrair!*

Foto: Equipe Narrativas de Paz

A Festa Julina aconteceu no dia 10 de agosto, no *playground* de um prédio localizado na entrada do Morro dos Prazeres. Ela foi planejada e executada coletivamente pelos integrantes do grupo e a equipe do projeto. As facilitadoras do Narrativas de Paz colaboraram na preparação do dia (ambientação, comida, etc.) e também com uma dinâmica que promoveu maior aproximação e integração entre as mães. Em roda, com as famílias presentes, todos foram convidados para um momento de reflexão. A proposta era relembrar a sua brincadeira de infância preferida e, depois de uma rodada de fala, compartilhar algo que elas escutaram durante a gravidez ou no período pós-parto que fez com que se sentissem apoiadas.

O segundo evento sobre *Autocuidado*[3] foi discutido e definido durante os encontros do grupo e facilitado inteiramente pela equipe do projeto, com apoio de profissionais especialistas contratados. A proposta do autocuidado surgiu da necessidade de abrir um espaço frente ao ritmo acelerado e sobrecarregado que as mães traziam nas reuniões. Investir tempo para fazer algo que cuide de si mesma é também uma maneira de cuidar do aspecto emocional e aumentar a confiança.

[3] O encontro está relatado com mais detalhes na seção "Eventos de culminância" nesta publicação.

Reflexão

Foi preciso acompanhar as reuniões do grupo Mães de Santa, existente desde 2018, para entender como o projeto poderia contribuir com o trabalho já desenvolvido. De início, por meio de uma observação participante, as facilitadoras do projeto contribuíram com reflexões como mais uma integrante do grupo. Aos poucos, ao estabelecer vínculos e trocas em conversas com os profissionais do posto e a voluntária Heloísa Lessa – como também ouvindo as demandas das mães – foi possível construir de maneira colaborativa os dois eventos dos quais participamos, criando uma relação de confiança e respeito entre a equipe das mães e a equipe do projeto.

Este período de acompanhamento que durou dois meses serviu tanto para fortalecer vínculos como também para trazer clareza sobre qual pode ser a maneira mais efetiva de dar continuidade à parceria neste grupo. Com base nos resultados obtidos com os eventos, é importante continuar promovendo espaços de celebração, autocuidado e valorização que podem vir a ser terreno fértil para as reflexões e troca de experiências que acontecem nas reuniões com as gestantes e puérperas.

Também foi possível identificar o potencial para explorar temas afins com o projeto, de maneira colaborativa, com o apoio dos profissionais de saúde, ajudando as mães e suas famílias na conscientização dos cuidados necessários para desenvolvimento integral dos filhos antes do nascimento. Será importante integrar estes temas ao planejamento de reuniões que ocorrem durante o ano.

Entre os desafios, certamente a falta de regularidade na frequência das mães foi um ponto a se considerar. Seja por motivos estruturais como violência no território, dificuldade de transporte ou mesmo em virtude do estado das participantes (gestantes ou com bebês recém-nascidos), muitas vezes elas acabam não indo à reunião por questão de saúde ou sobrecarga. Tal irregularidade na frequência faz parte deste grupo e será preciso criar estratégias que apoiem a ida das mulheres. Outro desafio reside no lugar dos homens na criação dos filhos. Percebeu-se a ausência da figura paterna no grupo e muitas vezes nas próprias famílias das participantes. Como incluir os homens no cuidado das crianças na primeira infância? Quais estratégias podemos desenvolver para tornar esse tipo de grupo mais convidativo aos homens?

Foto: Hellen Barbosa

Foto: Hellen Barbosa

Participantes do grupo das gestantes e puérperas brincam em eventos realizados pelo projeto.

E. **Idosos**

Algumas Unidades Básicas de Saúde/UBS do município do Rio de Janeiro contam com um programa de inserção da prática da atividade física regular entre os usuários chamado Academia Carioca. No CMS Ernani Agrícola o programa é oferecido desde março de 2015 visando a prevenção e promoção da saúde de pessoas da terceira idade, hipertensos, pessoas obesas, com sobrepeso e com diabetes. A professora de educação física Carol da Silva Costa é responsável pelas atividades, que incluem ginástica nos aparelhos, atividades culturais, desenvolvimento de grupos/oficinas educativas, natação, grupos de caminhadas, entre outras atividades em integração com as Equipes de Saúde (NASF).

A partir do eixo de grupos e oficinas educativas foi possível desenvolver três oficinas com temas definidos em conjunto com a coordenadora. O grupo teve em média 23 participantes por encontro, com um total de 44 pessoas, sendo 39 mulheres e cinco homens. As oficinas, descritas a seguir, aconteceram na sala do centro de estudos, espaço disponibilizado pelo posto de saúde. Além das três oficinas, tivemos um evento de culminância na praça Odylo Costa Neto, com a presença de muitos participantes do Academia Carioca, dos agentes de saúde que foram homenageados e de parceiros do projeto.

O trabalho com esta faixa etária se mostrou oportuno para o Narrativas de Paz, pois percebemos que a configuração familiar dos usuários do CMS muitas vezes é composta por avós. Assim, fazer oficinas com a terceira idade é tentar influir na relação da família com suas crianças e impactar no seu desenvolvimento. Em levantamento feito com os integrantes da Academia Carioca identificou-se que 33% deles são os responsáveis diretos ou têm contato regular semanal com crianças e adolescentes, sendo netos, bisnetos, afilhados, sobrinhos e filhos de vizinhos. 32% dos entrevistados têm contato frequente, mas de forma mais pontual, como em datas festivas. Em relação às crianças com quem eles se relacionam, foi levantado que 43% estão na primeira infância. Muitos disseram que, mesmo quando já adolescentes, seus netos preferem continuar morando com eles do que com os pais.

Foto: Hellen Barbosa

As oficinas com os idosos foram feitas dentro do âmbito do programa Academia Carioca, de inserção da prática de atividade física regular entre os participantes. Esse é um programa da prefeitura, em funcionamento em algumas Unidades Básicas de Saúde.

O que foi feito?

Oficina 1 - Tema: Minha infância

Neste dia, foi feita a leitura de um livro sobre a memória de objetos que lembram a infância. A partir dessa leitura, a conversa girou em torno da importância da infância e do brincar, sendo levantadas várias questões sobre convivência familiar. Além da leitura, foi projetado no telão da sala de encontro a imagem do livro, para ajudar na visualização, pois muitos deles apresentam limitações visuais.

Ao compartilhar com o grupo qual objeto representava um momento importante de sua infância, várias pessoas se emocionaram, outros participaram de forma lúdica “guardando e mostrando o objeto escolhido” na caixa da memória dos objetos da sua infância.

Oficina 2 - Tema: Canções do meu passado

A proposta deste dia incluiu identificar canções significativas na vida das pessoas com o apoio da projeção de trechos do filme *Canções*, de Eduardo Coutinho, para servir como disparador para discussão e reflexão em grupo. Por meio das memórias que as músicas poderiam trazer dos momentos importantes na vida das pessoas foi feito um recorte da relação da mulher com sua família e na sociedade, e o papel do homem no convívio familiar. O planejamento desta oficina foi feito em conjunto com o funcionário administrativo do posto, Silvio Ferreira de Carvalho, músico profissional, que ajudou na seleção das músicas a serem tocadas. Algumas delas foram sugeridas previamente pelos integrantes do grupo, enquanto outras foram citadas durante o encontro.

Nesse dia, entre os diversos depoimentos sobre o papel da mulher na sociedade, uma das integrantes, ao lembrar de sua música preferida, disse que tinha consciência de que a música era extremamente machista. Em seu depoimento, ela diz que na canção *Ai! Que saudades da Amélia*[4] *"o homem deixa a mulher sem mais nem menos, e depois volta do nada e a mulher ficou lá esperando, e ainda fica de braços abertos quando ele volta!*"

Ela diz: *"Dá vontade de dar um soco neste personagem da música".* Um homem neste momento disse achar justo o movimento feminista, mas se há um interesse que os homens, os adultos, os idosos venham para o Postinho, seria importante também ter fotos de homens que frequentam o local (há fotografias de mulheres nas paredes do CMS por conta da campanha Outubro Rosa de prevenção do câncer de mama). Ele diz: *"Aquele que passa para fazer algo, pode ficar motivado a participar e acabamos com esta história do clube da Luluzinha"*. Outro integrante mediou este momento de forma espontânea, ao afirmar que a visão que uma pessoa tem da música tem conexão com a história de vida daquela pessoa, esta mesma música terá outro significado para outra pessoa. E no final sugere: *"A gente está aqui para ouvir os ângulos de todo mundo, tudo é válido, tem uma razão da pessoa pensar assim".* Silvio comenta que, em contrapartida, os homens precisam repensar um outro jeito de crescer no mundo, e compartilhar espaços como este da oficina, e de estar mais com as mulheres.

Foi um dia com intensa participação, com emoções à flor da pele, movidas pelas canções que despertavam memórias vivas dentro de cada um.

[4] *Ai! Que saudades da Amélia* é de autoria de Ataulfo Alves (música) e Mário Lago (letra), lançada em 1942.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Oficina 3 - Continuidade da oficina com canções

Como não foi possível contemplar as canções de todos os integrantes na Oficina 2, o grupo decidiu dar continuidade para, assim, todos poderem cantar e compartilhar a importância daquela música em sua vida. Nesse encontro, dois temas predominaram na discussão do grupo: o papel do pai na vida dos filhos e os desafios do homem hoje em dia.

Uma pessoa mencionou que um pai pode não dar carinho a seu filho, mas questiona se aquele homem não teve um pai ausente e que também não recebeu carinho dele. O que dá margem a se falar da dificuldade de criticar sem saber a história de cada um e levar em consideração a diferença de gerações na formação das pessoas. A discussão se estende enriquecendo a reflexão sobre: o impacto do papel do homem na criação dos filhos e na família; do filho que tem dois pais, o biológico e o de criação; o questionamento sobre a obrigatoriedade do filho ter que ver o pai que não faz questão de ver o filho; o distanciamento do pai em relação à mãe, tratando a mulher como parceira sexual, mas não ajudando na criação dos filhos; da filha que teve o melhor pai do mundo, amigo e parceiro; de outro filho que até hoje não consegue falar a palavra "pai" pela dor que ficou por ter sido abandonado; do homem que afirma que homem que tem amor pela mulher, vai até o fim, assumindo o filho e continua a gostar dela; da mudança de comportamento da nova geração de homens que são apaixonados pelos filhos; da mãe que acha que por ela ter parido, é mais dona dos filhos que o pai, não sabendo delegar e não deixando o pai cuidar dos filhos. Com tanta pluralidade de experiências, um dos poucos homens presentes fechou o dia dizendo que o que cada um falou de sua história tem o seu sentido, ressaltando que existe ainda o pai que também é mãe, e a mãe que também é pai.

Outro ponto discutido neste encontro envolveu o caso de mães que incentivam seus filhos homens a chorar, ou não. Um dos homens presentes mencionou que vinha de uma família onde os homens passavam roupa e cuidavam das crianças. E tudo que fazia no domingo suas irmãs também faziam. Mas quanto a chorar, era diferente, podia até brincar com "coisas de menina" mas não era autorizado a chorar. A discussão se ampliou com a pergunta: "E quando o homem se permite chorar?". Tanto as mulheres como os homens presentes responderam que sim apenas quando está na cama para dormir, no jogo de futebol, no chuveiro, e no bar, quando *leva um pé na bunda.*

A coordenadora do grupo, Carol, também compartilhou sua experiência, lembrando que as mulheres repetem o comportamento machista, pois *"afinal somos criadas para isso".* Lembra os diversos tipos de preconceito por parte de pai de sua família do Nordeste, tais como o da cor, sexualidade, machismo: *"Todo dia tenho que desconstruir uma coisa com minha família. Me pego falando uma frase: poxa que legal ele está ajudando. A gente elogia o homem que ajuda como se fosse um extra. E na casa é tudo igual de trabalho. Nossa geração ainda repete isso... e uma coisa que queria deixar aqui: geralmente quem criava estes homens eram as mulheres, a gente acaba reforçando isso. Muitos de vocês aqui cuidam de netos. Vamos ver este machismo que estamos reforçando. Lavar louça ou roupa não vai tornar alguém gay."* Neste momento, uma das mulheres comenta sobre o genro: *"Ele lava louça, ele faz tudo. Queria que ele tivesse nascido de dentro de mim."*

Finalizando o debate sobre o papel do pai e do homem hoje na família, uma mulher lembrou que falamos da família "tradicional" – homem com mulher. E assinalou que existem atualmente novas famílias: homem com homem, mulher com mulher, homens adotando crianças... e que não podemos ignorar isso.

Fechamos o encontro com a possibilidade de planejar um dia para discorrer sobre diversidade, levando em consideração também o que foi trazido antes sobre os desafios entre gerações diferentes.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Oficina com o grupo de idosos no centro de estudos do posto de saúde parceiro do projeto, o CMS Ernani Agrícola.

Eu vou pra Maracangalha, eu vou!

Durante uma das oficinas Canções do meu passado, uma feliz ocorrência animou o grupo: um participante pediu para o Silvio (funcionário do CMS que acompanhou a atividade) tocar *Maracangalha,* de Dorival Caymmi. Coincidentemente, essa tinha sido a primeira música que Silvio aprendera a tocar, ainda criança. Foi um momento inesperado de profunda conexão entre passados de tempos distintos.

Reflexão

Sabemos que no Brasil a oferta de vagas em creches é inferior à demanda. Os pais precisam trabalhar e não há vagas para acolher todas as crianças nas instituições de educação infantil. Nesse contexto, os avós são um recurso familiar importante na guarda das crianças, contribuindo diretamente para o seu crescimento e desenvolvimento. São diversas as motivações que implicam a convivência frequente ou até mesmo a criação de netos por seus avós. Algumas delas discutidas no grupo foram: a separação dos pais; pais sem condições financeiras para criar devidamente os filhos; a mãe sem apoio do pai da criança. Assim, os avós participam na rotina dos netos, apoiando financeiramente e influenciando na transmissão de valores e crenças, tendo papel central no desenvolvimento das crianças.

Sendo um grupo consolidado e participativo, com grande disponibilidade de escuta e fala, durante as oficinas aconteceram trocas de experiências significativas, enriquecendo as temáticas que cantamos.

Outro fator que favoreceu a sustentabilidade deste grupo foi a participação nas oficinas do funcionário da administração do CMS, Silvio Ferreira de Carvalho, já citado aqui. Ter uma pessoa da equipe envolvida nas oficinas instala uma relação com o posto para além da função "tradicional", fortalecendo os vínculos. Com seu violão e depoimentos, ele ajudou na construção da ambiência dos encontros.

Os participantes reforçaram diversas vezes a alegria e vontade de participar de mais encontros. Disseram ser um momento propício a se *"colocar o que está sentindo para fora, se comunicar mais, quem é mais fechado, se abre mais".* Considerando que 30% deles vivem sozinhos, se torna também uma oportunidade de ouvir opiniões diferentes, num ambiente que facilita que as pessoas fiquem à vontade: *"As pessoas se soltam, se expressam, quem vai diz que gosta, trocamos ideias, melhor do que ficar em casa!"*

Foto: Hellen Barbosa

Brincar é parte fundamental da metodologia do Narrativas de Paz: é uma forma deliciosa de sensibilizar o grupo para pensar a infância e também de trazer leveza aos encontros, como nesse evento com o grupo de idosos.

F. **Famílias das escolas e do posto de saúde**

O mapeamento realizado na primeira etapa do projeto contribuiu para uma aproximação entre as equipes do CECIP e os gestores das escolas de educação infantil, creches e, consequentemente, com as famílias.

Todos se colocaram muito disponíveis para promover encontros e trocas com os responsáveis e as crianças que frequentam as unidades escolares e que, em muitos casos, também eram usuários do CMS Ernani Agrícola.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Oficinas desenvolvidas com famílias no centro de estudos do CMS Ernani Agrícola.

O que foi feito?

Durante o período de sensibilização, o projeto esteve em escolas, creches, reuniões da Rede e eventos comunitários e de vacinação, para divulgar o início das oficinas no posto de saúde. A proposta era ter um dia de lançamento da formação (16 de maio) e encontros semanais com os grupos, promovendo desdobramentos a partir do conteúdo proposto para cada mês no período de maio a setembro.

No dia do lançamento da formação, foram realizadas duas oficinas sobre Cultura de Paz e Primeira Infância, com o objetivo de apresentar o projeto e falar sobre o que é Cultura de Paz, como incorporá-la no cotidiano e repensar a narrativa da violência. No período da manhã, compareceram cinco pessoas e, à tarde, nove. Na semana seguinte, também houve poucos retornos: em um dos períodos, seis pessoas e, no outro, nenhum. Por isso fomos investigar os motivos da evasão, ligando para os contatos das listas de presença da sensibilização. Identificamos que a mobilidade estava prejudicada – a falta de transportes públicos diretos e a distância a percorrer até o posto inviabilizaram a presença regular, tornando o trajeto caro e pouco acessível.

A experiência com as oficinas no CMS despertou o desejo e a necessidade de aproximação com as famílias em locais que fossem mais acessíveis para elas, por isso fortalecemos a comunicação com as creches das quais nos havíamos aproximado durante o mapeamento do território.

No Espaço de Desenvolvimento Infantil Heloísa Marinho, a convite da diretora Paula Cancella Januário Zupo, realizamos um encontro com 16 responsáveis de uma turma de crianças que tinham entre 4 e 5 anos. A proposta era em meia hora convidar adultos e crianças para pensar onde moram os sentimentos como medo, amor, saudade e ansiedade, e com uma massagem coletiva entrar em contato com as narrativas da violência e paz no nosso cotidiano.

Quando falamos sobre amor, a massagem dirigiu-se ao coração; medo, à cabeça; e saudade configurou numa massagem em forma de abraço e emoção. Depois deste mapeamento, a ideia foi movimentar o corpo e eleger brincadeiras em comum – por exemplo: quem gostava de queimado, boneca, elástico formava uma roda pequena, integrando um subgrupo. Para fechar, contamos um pouco sobre o projeto e entregamos um cartão em formato de nuvem. Pedimos que escolhessem junto com as crianças sentimentos ou desejos que gostariam de deixar no EDI Heloísa Marinho e surgiram palavras como felicidade, gratidão, dedicação, amor, paz, presença, memória, carinho e... Homem Aranha.

Na Cantinho Feliz, o convite foi para o Narrativas de Paz fortalecer a chegada das famílias com atividades que contribuíssem na relação entre responsáveis e crianças e responsáveis e a creche. Em agosto, participaram 42 pessoas (entre mães, pais, avós) de um café da manhã com dinâmicas que resgataram a memória da infância, por meio das brincadeiras e das lembranças sobre o perfil de cada família, número de irmãos e onde moravam quando crianças.

Foi uma oportunidade para reconhecer as conquistas e esforços de quem veio de outros estados do Brasil em busca de uma vida melhor. Também foram abordados os desafios que um cotidiano violento impõe sobre a vida de adultos e crianças, principalmente quando se mora em regiões de vulnerabilidade em que as operações policiais invadem casas e transformam a relação das crianças com as brincadeiras de rua e as possibilidades de ir ou não à escola, quando há tiroteios ou clima de insegurança.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Oficina realizada com as famílias da creche Cantinho Feliz.

Reflexão

O desafio de ter encontros e oficinas regulares com as famílias com crianças de até 6 anos no Posto de Saúde (CMS Ernani Agrícola), por inúmeros motivos, dentre eles a falta de mobilidade, a distância e o custo para o deslocamento até o local, nos fez pensar em outras possibilidades de ir até as famílias, de nos colocarmos à disposição para contribuir com as relações de convivência e a construção de Narrativas de Paz na parceria com os espaços em que as famílias já frequentam com regularidade, como as creches e escolas de educação infantil, na entrada e saída das crianças.

Foram encontros para ouvir as pessoas e responsáveis pelas crianças, para criar conexão e para, em pouquíssimo tempo, sensibilizarmos sobre a importância de cuidar da Primeira Infância, valorizando a brincadeira, lembrando o quanto era bom brincar quando éramos crianças e mostrar que as memórias continuam em nós, promovendo a prevenção às violências, na tentativa de interromper um padrão de agressividade que se reproduz em diferentes gerações da mesma família.

Embora uma ação pontual tenha poucas chances de impactar e causar mudanças estruturais, aproveitar todas as oportunidades de contato e diálogo, somada as trocas e formações com toda a equipe que trabalha nas creches e escolas é uma forma de fortalecer as mudanças de paradigmas para que outras narrativas possam ser criadas. Com isso, o projeto interfere na naturalização da violência, questionando os conceitos de disciplina e ordem, criando outras formas de conviver com mais escuta, mais afeto, respeitando e tratando as crianças como gostaríamos de ser tratados como cidadãos.

4. Eventos de culminância

Foto: Hellen Barbosa

Família no evento de culminância do grupo das gestantes e puérperas.

Nas últimas semanas de atividades no campo foram realizados três eventos de culminância com os participantes do Narrativas de Paz. Os eventos foram uma forma de celebrar os encontros que o projeto proporcionou, oferecer um momento de descontração com base nos conteúdos trabalhados durante as oficinas e encerrar um primeiro ciclo de atividades no bairro de Santa Teresa.

Casarão dos Prazeres

O primeiro evento foi no dia 30 de setembro de 2019, com o grupo de gestantes e puérperas acompanhado pelo projeto. Nas rodas de conversa durante os encontros, combinou-se que o projeto promoveria um momento de cuidado do feminino com as mulheres do grupo. Associando a escuta das demandas do Mães de Santa com os objetivos e as possibilidades do Narrativas de Paz, chegamos a um formato de evento: um dia de fotografias profissionais, com maquiagem e pintura de barriga para as gestantes. O local não poderia ser outro que não o Casarão dos Prazeres, pois além de ser o local de referência para os encontros do grupo e de parceria com o projeto, também é um lugar lindo, cenário perfeito para as fotos que simbolizam o começo de uma história de cuidado entre mães e filhos.

No dia do evento, uma equipe ampliada contando com três maquiadoras, uma fotógrafa, uma doula especialista em *belly mapping,*[5] as Agentes Comunitárias de Saúde que acompanhavam o grupo e o time completo do Narrativas de Paz receberam as gestantes e puérperas para momentos de conversa e beleza. Preparamos o cenário com flores, montamos um lanche colaborativo e passamos uma tarde repleta de afeto e cuidado, com gestantes emocionadas, mães sorridentes com seus bebês e alguns pais dando suporte. Foi um evento lindo que ficará na memória de todos os que estiveram lá, mesmo os que ainda estavam dentro das barrigas!

Agradecemos à equipe gestora do Casarão dos Prazeres nas pessoas de Selma Vieira Magalhães e Marta Issa, pela acolhida e parceria, e às profissionais envolvidas na ação: Jupyara Barbosa, Ana Laura Maia e Mariana Silva (maquiadoras), Luara Lima (doula), Hellen Barbosa (fotógrafa).

[5] Técnica de pintura de barriga que mapeia a posição do bebê por meio do tato.

Foto: Hellen Barbosa

Foto: Hellen Barbosa

O evento de culminância com as gestantes e puérperas contou com pintura de barrigas, maquiagem e fotografia de todas as mulheres presentes.

Praça Odylo

O segundo evento foi resultado de uma conjunção de atividades e grupos do projeto. Nas oficinas com os ACS, que aconteciam no espaço do posto de saúde, ficou registrado o desejo do grupo de fazer uma oficina ao ar livre, com brincadeiras e vivências na praça Odylo (Praça Odylo Costa Neto). Além disso, dia 4 de outubro é o Dia Nacional do Agente Comunitário de Saúde. Em equipe, começamos a pensar: por que não juntar uma coisa com a outra e promover um momento de brincadeiras e celebração para os ACS nesse dia. Em paralelo, o trabalho com o grupo da Academia Carioca foi se consolidando e muitos dos encontros desse grupo aconteciam na mesma praça Odylo. Além disso, dia 1º de outubro é o Dia do Idoso. Tudo confluiu para que juntássemos os idosos da Academia com os ACS para uma manhã de brincadeiras e celebrações.

E já que juntamos esses dois grupos, aproveitamos a oportunidade para entregar às gestantes e puérperas uma foto tirada no evento do Casarão dos Prazeres, impressa e emoldurada.

O resultado foi uma manhã com um delicioso café, muita brincadeira, corda, peteca e jogos colaborativos. Teve homenagem aos Agentes Comunitários de Saúde, que ganharam canecas personalizadas do projeto Narrativas de Paz, entregues pelos idosos. Teve integração entre as gestantes, os idosos, os ACS, direção do CMS Ernani Agrícola, direção do CECIP, equipe Narrativas de Paz, e quem mais chegou na praça!

Como não podia deixar de ser, tudo isso acabou em música, com o Silvio no violão e a cantoria que foi a marca do trabalho com o grupo da Academia Carioca. Que alegria!

Foto: Hellen Barbosa

Foto: Hellen Barbosa

O evento na praça Odylo teve muita brincadeira e cantoria, reunindo o grupo dos Agente Comunitários de Saúde, os idosos da Academia Carioca, e as gestantes e puérperas do Mães de Santa.

Pediatria CMS Ernani Agrícola

No início da parceria com o CMS, a diretora Cristina Gonçalves nos apresentou as dependências do posto de saúde, especialmente o espaço da pediatria, que precisava ser modernizado. O piso apresentava sérios problemas de desgastes e era o desejo da direção oferecer um espaço mais acolhedor às crianças e famílias usuárias. Assim, como contrapartida do projeto, foi decidido que o Narrativas de Paz integraria uma articulação de apoiadores para reformar as salas da pediatria. O projeto viabilizou a compra do piso, o que desencadeou uma série de ações que culminaram na transformação do espaço: além da troca do piso, uma parede foi derrubada, conectando a sala de espera com a área de brincar; as paredes foram pintadas e coloridas com personagens da coleção Mico Maneco, escrito por Ana Maria Machado e com ilustrações de Claudius, cartunista e diretor do CECIP. Foi um movimento muito emocionante pois envolveu o projeto, os funcionários do CMS e a comunidade do bairro, que atuou de forma voluntária doando recursos variados, como dinheiro, materiais de construção, força de trabalho e brinquedos.

Após dois meses de obras, no dia 8 de novembro realizamos uma celebração para a inauguração do espaço. O evento contou com a presença de funcionários do CMS, a equipe Narrativas de Paz e a direção do CECIP, além dos moradores voluntários. Em círculo, foi realizado um ritual de inauguração, onde todos puderam cortar as fitas que tinham mensagens de paz ditas pelos participantes durante as oficinas do projeto. Entre falas emocionadas e agradecimentos, o projeto fez uma homenagem à diretora do CMS, Cristina Gonçalves, que foi a responsável pela articulação dos diversos parceiros para que a reforma fosse possível. Esse foi um momento que marcou a finalização desta etapa do projeto, com afeto, lágrimas, brincadeiras e a expressão concreta dos vínculos firmados durante todo o trabalho com o CMS em 2019, com grande desejo de que esta se firme e tenha continuidade nos próximos anos.

Foto: Equipe Narrativas de Paz

Foto: Eliane Heeren

A reforma da Pediatria envolveu voluntários do bairro, funcionários do CMS e do CECIP.
As paredes ganharam desenhos do Claudius.

Eventos de Culminância

Gestantes e puérperas

Data: 30 de setembro

Local: Casarão dos Prazeres

Número aproximado de público: 30 pessoas

Academia Carioca e ACS

Data: 04 de outubro

Local: Praça Odyllo Costa Neto

Número aproximado de público: 50 pessoas

Inauguração da Pediatria

Data: 08 de novembro

Local: CMS Ernani Agrícola

Número aproximado de público: 30 pessoas

Foto: Eliane Heeren

As fitas da inauguração foram cortadas por Cristina Gonçalves, diretora do CMS Ernani Agrícola.

Foto: Eliane Heeren

Funcionários do CMS e equipe do CECIP celebrando a nova Pediatria.

Algumas fotos de gestantes e puérperas e a equipe que participou do evento. Registros feitos por Hellen Barbosa.

Foto: Hellen Barbosa

5. Monitoramento e avaliação

Foto: Hellen Barbosa

O **Narrativas de Paz** foi desenvolvido ao longo do ano de 2019 como um projeto piloto, testando formatos e estratégias com diferentes grupos que se articulam em torno do Centro Municipal de Saúde Ernani Agrícola, em Santa Teresa. As ações no campo duraram sete meses e tivemos a oportunidade de desenvolver algumas iniciativas com o objetivo de compreender o que o projeto alcançou durante esse período.

Grande parte desse esforço avaliativo foi sendo construído nas reuniões semanais de equipe, com base nos relatos das facilitadoras, no monitoramento e nas reuniões de articulação com a direção do CMS.

Como trabalhamos com diferentes públicos, com durações e metodologias diversas, pensamos diferentes estratégias. Citamos duas delas.

Monitoramento da formação com as famílias

O monitoramento das atividades mediu o interesse do público-alvo nas reuniões e encontros do projeto, tendo como indicador principal a presença do público. Com base nesse indicador, fizemos algumas mudanças na forma de mobilizar participantes para as atividades.

Depois de convidarmos as famílias para participarem das oficinas, e termos tido um retorno pequeno quanto ao número de interessados, percebemos que poderíamos unir esforços com grupos que já estavam formados por iniciativas afins, ao invés de investirmos recursos na mobilização de grupos exclusivos do Narrativas. Assim, já no segundo semestre, começamos a desenvolver atividades com o grupo de gestantes e puérperas, o Mães de Santa, e com o grupo da Academia Carioca. Com esses grupos optamos em não desenvolver uma ação específica de avaliação, pois seria difícil diferenciar os resultados do Narrativas em relação aos resultados do trabalho mais longo e anterior que vinha sendo feito. Pudemos observar, no entanto, muitos depoimentos positivos, como os próprios relatos das ações revelam, além de termos tido dois eventos de culminância de muito sucesso com esses grupos.

Esforços avaliativos junto aos profissionais

Com os Agentes Comunitários de Saúde, um grupo em que a regularidade de encontros foi maior, construímos um questionário que foi respondido no último encontro. Nosso objetivo era compreender de que forma os conteúdos trabalhados nas oficinas estavam sendo recebidos, e se estavam provocando mudanças na prática desses profissionais.

Na creche e pré-escola Cantinho Feliz conduzimos duas jornadas pedagógicas, uma no primeiro e outra no segundo semestre de 2019.

Para essa segunda oficina também preparamos um questionário para verificar se o objetivo das oficinas – trazer reflexões sobre a prática dessas profissionais – estava sendo alcançado.

Com os estudantes de medicina e enfermagem, ao final das oficinas, foi pedido que respondessem a um questionário de avaliação via celular, com o objetivo de medir o grau de satisfação dos participantes com os conteúdos e as metodologias.

Olhar geral sobre as respostas dos participantes

Agentes Comunitários de Saúde

Número de ACS que participaram das oficinas propostas: 12
(todos os ACS do CMS Ernani Agrícola)
Número de questionários respondidos: 10

Para a pergunta **Houve algum encontro que te marcou especialmente? Fale um pouco sobre o que você percebeu**, oito pessoas responderam que o módulo 3, sobre o brincar, foi muito marcante, pois eles lembraram das brincadeiras da própria infância e relacionaram com as infâncias atuais: *"sobre as nossas brincadeiras na infância, de poder ficar na rua até tarde, sempre tinha uma pessoa tomando conta, um responsável, e sobre como brinco com meus netos".* Uma pessoa não destacou um encontro em especial pois *"Todos os encontros foram bons, me fez refletir sobre meu trabalho, me fez relembrar minha infância e como é importante uma infância saudável, com brincadeiras e muita paz."*

Foto: Hellen Barbosa

Na pergunta **Sentiu algum incômodo / dificuldade com algo que foi proposto?**, sete pessoas responderam negativamente; algumas relataram ter tido dificuldades por conta da timidez; e uma pessoa falou sobre como as dificuldades vividas no contexto mais amplo também refletiram nas oficinas: *"Em alguns momentos achei chato por estar desanimado com tudo que anda acontecendo, atraso de salário, entre outras coisas. Mas no geral foi uma boa atividade."*

Na pergunta seguinte, **Os encontros provocaram reflexões sobre o seu trabalho com as famílias? Quais?**, os dez responderam que sim, como por exemplo: *"sim, estar mais junto com as famílias, fazer com mais amor e dedicação, entender mais as dificuldades que as pessoas têm para chegar num serviço de saúde e ajudá-los nos direitos que todo cidadão tem, pra ter qualidade de vida"; "sim no olhar as crianças de hoje em dia e as incentivar a serem crianças, a brincar e se divertirem"* ou ainda *"Sim, a importância de observar se a criança brinca, se aquela família tem costume de interagir, observar como essas crianças são tratadas".*

Como resposta à pergunta **A partir da sua participação no projeto, percebe alguma mudança na sua prática profissional? Conte um momento em que isso ocorreu**, nove pessoas responderam positivamente, como: *"Sim, quando a gente vai fazer visita e olha os pais brigando com as crianças. Lembro logo do projeto falando da importância da Cultura de Paz". "Sim, ajudar as famílias a poder ser mais participativas com as crianças, ter mais paciência e dar a atenção merecida. Poder ficar alguns minutos com seus filhos, sobrinhos e netos para brincar, conversar." "Sim. Fiquei mais atento a detalhes que, mesmo pequenos, fazem falta no dia a dia."* Uma pessoa respondeu que ainda não era possível observar mudanças: *"Difícil pensar em algo nesse momento, pois ainda não deu pra perceber alguma mudança clara, mas o olhar para a comunidade está diferente.".*

Educadores da Creche e Pré-Escola Cantinho Feliz

Número de participantes das oficinas: 20
Número de questionários respondidos: 19

Para a pergunta **Houve alguma atividade que te marcou? Por quê**, as respostas foram bastante variadas, destacando diversas atividades dos dois momentos da formação.

À pergunta **As oficinas causaram alguma reflexão sobre o seu trabalho? Qual?**, 18 pessoas responderam positivamente e uma deixou em branco. As respostas trouxeram muitos elementos da Cultura de Paz, como a escuta e a empatia em relação aos outros colegas de trabalho, às famílias e às crianças: *"Sim. Me ajudou a proporcionar outros caminhos para resolver questões desafiadoras e pensar como o outro se sente." "Sim. Ter amor e paciência com as crianças e colegas de trabalho. Todos nós temos dias maus. Temos que compreender o momento do outro." "Sim. A forma de olhar para as crianças, entendê-las e perceber que elas também sentem tudo o que acontece e ainda não sabem expressar, então se expressa pelo corpo. Ter um olhar atento e compreensivo." "Várias reflexões, sobretudo da importância da escuta, da parceria e do acolhimento." "Todas as oficinas foram muito reflexivas principalmente quando fazemos comparação entre ser profissional e o contexto familiar, como estamos no mesmo barco quando nos colocamos no lugar da família."*

Estudantes de medicina e enfermagem

Número de participantes: 310
Número de questionários respondidos: 123

• 75% dos respondentes afirmaram **que o conteúdo da oficina do Narrativas de Paz foi muito relevante para sua prática profissional.** 21% responderam "relevante", 2% "pouco relevante" e 1% "nada relevante".

• 98% responderam que **a oficina acrescentou algum aprendizado**, e a grande maioria destacou reflexões trazidas pelas atividades de Cultura de Paz trabalhadas nas oficinas, como por exemplo: *"Ter a oportunidade de reconhecer artifícios que melhorem a nossa comunicação e, consequentemente, melhorem os relacionamentos que nos cercam." "A importância de se certificar de que o outro compreendeu o que foi dito e também confirmar se eu entendi o que estava em discussão". "Me fez repensar como agir diante de situações de conflito" "Bastante, aprendi sobre meus colegas e aprendi a ouvir e estar aberto a conhecer as pessoas".*

• 97% **recomendariam a oficina para outros alunos.**

Reflexão

Os esforços avaliativos empreendidos com três grupos de participantes trazem alguns olhares para os resultados desse primeiro ano de Narrativas de Paz. O grupo que teve mais tempo de formação com a equipe do projeto, ou seja, os Agente Comunitários de Saúde, responderam às perguntas com mais profundidade do que os outros grupos. É possível perceber que os conteúdos trabalhados, que muitas vezes são subjetivos e apresentam alto grau de abstração, foram bem compreendidos pelos ACS. Além disso, a partir das oficinas, eles relataram não só reflexões sobre a prática, como algumas mudanças, ainda que incipientes, na sua atuação no território. O brincar foi o tema que eles mais gostaram, o que é um retorno muito significativo para a projeto: nos mostra que a aposta na capacidade de brincar e na recuperação das memórias, experiências e sentimentos da infância é **um caminho possível para trazer reflexões e aprendizados sobre temas difíceis como a violência contra as crianças.**

Com os outros dois grupos, os encontros foram pontuais e, ainda assim, os relatos mostram grande aceitação dos temas trabalhados nas oficinas. Entre as educadoras, fica evidente a importância de ter um espaço de escuta, em que as dificuldades na relação com as famílias possam ser acolhidas e um tempo de troca entre os profissionais, para além das tarefas do dia a dia. **A reflexão sobre a prática, envolvendo o olhar para o outro, a comunicação, a empatia foram os resultados mais encontrados nos questionários.**

Entre os estudantes de medicina e enfermagem é bastante notável a demanda de se trabalhar com temas relacionados à subjetividade, que muitas vezes não são valorizados nos currículos universitários. Percebemos que são **dimensões fundamentais das profissões em que o relacionamento com pessoas é central**, como a medicina e a enfermagem. Os pontos relacionados à Cultura de Paz foram bem compreendidos e elogiados pelos participantes. Eles relacionaram os conteúdos da oficina com os trabalhos de grupo e a convivência entre os colegas, e com as outras esferas da vida, como a familiar. Foram momentos ricos em aprendizados. É importante frisar que este projeto teve um caráter fortemente experimental, em que a reflexão e a avaliação dos processos foram cruciais para a mudança de rumos de públicos com os quais trabalhamos, e também para a adequação das estratégias junto a esses públicos.

6. Depoimentos da equipe

Maria Mostafa

Foto: Hellen Barbosa

De transformar toda essa angústia com o cenário mais amplo, esse cenário que tem a volta do crescimento das taxas de mortalidade infantil, que tem como rotina cortes nas políticas sociais e ameaça ao Sistema Único de Saúde.

Narrativas de Paz é atuar pelas brechas, é micropolítica, é atuar no sensível, recuperar o prazer em estar junto. É estar inteira com uma equipe sincera, procurar caminhos, conseguir refletir sobre os sentidos do projeto e ajustar a rota sempre que necessário. É me sentir apoiada para coordenar e para facilitar, livre para fazer perguntas e autorizada a errar.

Narrativas de Paz. Narrar a paz, imaginar a paz, sonhar a paz, inventar a paz. Repetir, resistir, reinventar, quantas vezes necessário for. Ousar a paz. Coragem de um mundo mais justo, de um Brasil menos desigual, de um Rio de Janeiro menos violento. Proteger as crianças, tocar os adultos com o afeto, construir laços comunitários tendo o brincar como caminho.

Narrativas de Paz foi uma oportunidade de me reinventar, de renovar a esperança, de encontrar pessoas e, juntos, construirmos outros mundos.

Narrativas de Paz é a continuidade de um caminho que começou no CECIP em 2011. Um caminho de Cultura de Paz e Primeira Infância, que passou por escolas municipais, por bairros diversos do Rio de Janeiro, depois por Brasília, por assembleias da Rede Nacional Primeira Infância, pelo Espírito Santo, e em 2019 chegou a Santa Teresa. Agradeço ao CECIP pelas oportunidades, às companheiras de equipe pelo crescimento e por poder vivenciarmos juntas o florescer desta linda narrativa.

Foto: Hellen Barbosa

Soraia Melo (Sol)

Foto: Hellen Barbosa

Foram centenas os relatos de parto que li nas madrugadas de 2018 até o dia 24 de agosto, quando chegou Dora, minha filha, no tempo escolhido por ela, numa maternidade pública no Rio de Janeiro, referência em humanização do parto. Poucos meses depois, ainda no puerpério, soube da aprovação do projeto Narrativas de Paz e desejei profundamente fazer parte da equipe que estaria no campo e na realização de um projeto que integrasse dois temas tão pertinentes pro momento que vivo: Cultura de Paz e Primeira Infância.

A primeira reunião de que participei, do CECIP com o CMS Ernani Agrícola, foi também a primeira vez que fiquei longe da minha filha por algumas horas – nesta ocasião com três meses. Ela ficou na casa de uma amiga que também tinha um bebê de poucos meses e morava em Santa Teresa... era minha pequena rede de apoio, um dos grandes desafios experimentados pelas mulheres que desejam e necessitam trabalhar. Uma oportunidade de somar ao lado de profissionais que resistem na saúde pública e fazem seu trabalho com disposição e afeto.

Me senti muito acolhida e respeitada pela gestão do CECIP e agradecida pela oportunidade de ter ao lado uma equipe cheia de habilidades e afetos com a qual eu já havia trabalhado no projeto Jovens e seu Potencial Criativo na Resolução de Conflitos, em 2011; sonhávamos com a possibilidade de estarmos juntas novamente. As reuniões de equipe eram dinâmicas, criativas, cheias de desconstrução e, mesmo com tantas afinidades, foi o tempo que nos ensinou a perceber como produzíamos melhor quando estávamos juntas.

A relação com o campo foi construída no caminhar e no adentrar as portas de diferentes instituições. Fomos recepcionadas pelas crianças que nos esperavam na entrada do Comunidade da Julio Otoni, pelos profissionais de saúde e de educação – com os quais já havia trabalhado na época do projeto Jovens e seu Potencial –, além da equipe de Agentes Comunitários que, de um olhar desconfiado passou a compartilhar experiências via whatsapp e a percorrer trajetos em parceria, além de uma gestão que deu depoimentos nas oficinas e se emocionou muitas vezes, pois a emoção nos aproximou e nos guiou nesta breve passagem do projeto Narrativas de Paz.

A emoção me fez acreditar num projeto real e em buscar muitas vezes recursos externos pra dar conta de tantas desigualdades e tanta impotência ao ouvir sobre as ações policiais, invasão às casas, violência com as crianças. Muita empatia com os públicos atendidos, muita semelhança com as mães e gestantes abarrotadas de carga mental, solitárias ao receber uma nova vida pela qual serão eternamente responsáveis, muitas meninas ainda com os sonhos de criança adormecidos. Senti muita gratidão ao utilizar o calor da minha mão para produzir criativamente junto com diferentes públicos que este projeto acolheu. Foram barrigas pintadas, espaços coloridamente transformados com flores e bolos, brinquedos em forma de dedoches que contaram a melhor história que cada um de nós poderia contar, as nossas.

Elisa Brazil

Foto: Hellen Barbosa

Ter a oportunidade de trabalhar com uma equipe de mulheres poderosas, completamente diferentes e complementares já é algo muito significativo. E ter a oportunidade de trabalhar com essas mulheres em um projeto completamente novo, construindo passo a passo as estratégias, avançando dois passos e voltado um, quando necessário, vivenciando conflitos, efetuando entre nós as práticas colaborativas em que tanto acreditamos e utilizamos como uma de nossas metodologias de formação é realmente algo muito especial.

O projeto Narrativas de Paz coloca em prática algo que há tanto tempo se discute e se compreende como primordial para o pleno desenvolvimento das crianças pequenas, que é a articulação entre Primeira Infância, saúde e educação (família, creches e pré-escolas). Antes do Narrativas tive experiências – importantíssimas para minha formação enquanto ser humano e profissional – na saúde e na educação, em momentos e contextos diferentes e complementares.

Durante o projeto foi possível caminhar por esses espaços com um olhar ampliado e com a possibilidade real de articular entre e com as pessoas que fazem parte de uma rede responsável em apoiar, cuidar, educar e oferecer possibilidades para o desenvolvimento de uma Primeira Infância plena, saudável e feliz. Conhecer cada grupo e todos os sujeitos que se encontram ali – crianças, famílias, ACS, educadoras, equipes de apoio que asseguram que os espaços estejam preparados e a alimentação garantida, estudantes, gestores, articuladores das comunidades, gestantes, puérperas, idosas... nossa! agora escrevendo me bateu mais ainda a sensação de responsabilidade, importância e potência deste trabalho.

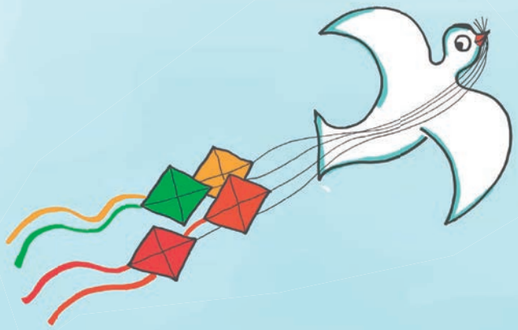
A cada encontro, a cada troca, seja nas formações ou encontros nos espaços do postinho, do Casarão dos Prazeres, na praça ou nas creches/pré-escolas, tenho certeza de que meu aprendizado foi muito maior. Há muito o que fazer para que alcancemos outras formas de narrativas, que não sejam as das violências, mas as de paz. Há muito o que escutar, há muito o que refletir, há muito o que construir em conjunto, de forma articulada e complementar, assim como se preza o SUS, uma política pública que entende o sujeito como um todo – tenho uma paixão por ela desde a universidade, quando fomos apresentadas na teoria e o amor se consolidou quando fui para a prática.

Me sinto muito mais forte e disposta a seguir lutando, contribuindo para alcançarmos juntas / juntos as mudanças necessárias para que tenhamos forças combativas para encarar os desafios, desmontes e desmandos que estamos vivendo nessa conjuntura perigosa, e para que num futuro não tão distante, sejamos muitas pessoas, muitas mesmo, unidas e espalhadas por todo canto, dispostas, críticas, conscientes e com muita energia para transformar o mundo.

Flavia Fassi Samel

Foto: Hellen Barbosa

Tudo se mistura em um sentimento de gratidão, pela oportunidade de aprender com as pessoas nos diversos grupos de que participei e de ser lembrada de que existe um tempo para se criar vínculos e construir caminhos coletivamente. Cada grupo com seu olhar, suas experiências e narrativas neste lugar da convivência e apoio mútuo. Dentro de mim, eram tantas as conexões que aconteciam a todo momento que não cabem em palavras. Fosse qual fosse o grupo, sempre trazendo a transparência das histórias pessoais. Nada mais libertador do que a verdade baseada em uma experiência de vida, sem ficarmos presos em uma batalha no campo das ideias. Tem algo de primordial ao trabalhar assim, de valorizar a escuta, de refletir sobre o que se faz, de viver a vida com cuidado e atenção com o que realmente importa: as relações com as outras pessoas.



7. Considerações finais

Nesse um ano de projeto, o Narrativas de Paz subiu as ladeiras de Santa Teresa e trilhou caminhos de colaboração e experimentação com os moradores e trabalhadores do bairro. Tendo o CMS Ernani Agrícola como nossa “casa”, construímos relações de confiança com seus funcionários e desenvolvemos as atividades com grupos que já apresentavam alguma unidade anterior ao projeto. Nesses grupos, ora identificados pelo fazer profissional, ora pela configuração familiar, a base para trabalharmos com os temas geradores – Cultura de Paz e Primeira Infância – foi se mostrando muito similar: a recuperação das histórias pessoais. Todos tivemos infância e todos temos marcas sobre essa fase da vida em nós, sejam elas felizes ou sofridas ou, na maior parte das vezes, felizes e sofridas. Com esse olhar para as nossas memórias que nos falam sobre o que passou mas fundamentalmente sobre quem somos, desenrolamos as narrativas de cada um, e a narrativa que queremos escrever juntos, de forma comunitária, de hoje em diante.

Os desafios foram variados, desde a mobilização de pessoas para a formação de grupos exclusivos do projeto – estratégia que alteramos no começo da etapa de formação –, até a dificuldade em abordar a violência, um problema com diversas dimensões e que carrega consigo traumas e tristezas.

Com esse primeiro ano, piloto, concluído, percebemos um potencial grande de continuidade do projeto. Como perspectiva de aprofundamento do trabalho em Santa Teresa, com a metodologia agora mais amadurecida, poderíamos desenvolver atividades com os grupos que tiveram mais sinergia com nossos objetivos, como as gestantes e puérperas, os idosos, os Agentes Comunitários de Saúde e os profissionais das creches e pré-escolas, para continuar o trabalho de mudança das relações e prevenção das violências contra as crianças.

Da mesma forma, a metodologia também poderia ser aplicada em outros bairros do Rio de Janeiro, como forma de ampliar as Narrativas de Paz para uma cidade que tem a violência como uma narrativa diária.

Estamos prontos para decolar com a nossa pomba branca do brincar. Voa, Narrativas!